

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

JÚLIO CÉSAR DOS REIS PETTER

**EMBATES E (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA SAÚDE BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE PECHUTIANA**

PORTO ALEGRE  
2022

JÚLIO CÉSAR DOS REIS PETTER

**EMBATES E (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA SAÚDE BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE PECHEUTIANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Jung de Campos

PORTO ALEGRE  
2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Petter, Júlio César dos Reis  
EMBATES E (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA SAÚDE  
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE PECHEUTIANA /  
Júlio César dos Reis Petter. -- 2022.  
73 f.  
Orientadora: Luciene Jung de Campos.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. análise de discurso materialista. 2. saúde. 3.  
sentidos. 4. luta de classes. I. de Campos, Luciene  
Jung, orient. II. Título.

JÚLIO CÉSAR DOS REIS PETTER

**EMBATES E (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NA SAÚDE BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE PECHEUTIANA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Porto Alegre, 30 de junho de 2022.

Conceito:

---

Profa. Dra. Claudia Regina Castellanos Pfeiffer  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

---

Profa. Dra. Doris Maria Luzzardi Fiss  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof. Dr. Fabio Ramos Barbosa Filho  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Luciene Jung de Campos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

## AGRADECIMENTOS

Profa. Lu  
Grande Fábio  
Solange  
Dóris  
Luiza  
:

### **Mestres**

Ezequiel  
Vicente  
:

### **Meninos**

Dodô  
Mainha  
Amandinha  
Juquinha  
Tio Horácio  
Belinha  
Lindinha  
Yuffa  
Pitchula  
felinos  
caninos  
:

### **Família**

Yago  
Fabrício  
Gabriel  
Bruna  
Sara  
Paula  
Marina  
Simone  
Mariana  
Raquel  
:

### **Amigos**

Sr. Tadeu  
Dona Anna  
:

### **Meus véios**

Clara  
:  
**Ex – esposa**

Carol  
Bruna  
Fluoxetina  
Música  
Animais fofos  
:  
**Sanidade**

**A**Deslucar – se

Agradeço a cada um de vocês,

por terem amado meu eu do passado durante o mestrado.

Eles odeiam pessoas que se expressam  
Eles odeiam pessoas que tem voz  
própria  
Eles odeiam... a gente  
Eles odeiam vocês  
Eles odeiam gente como nós  
E a gente vai mostrar... que a gente... é  
grande  
E pra odiar a gente ... tem que ter muita  
força, e tem que ser muito poderoso  
E eles nunca serão  
Eles são movidos pelo medo, eles são  
movidos pela calhardoagem, tá ligado?  
E tudo o que vem do medo, tudo que  
vem do medo, vira ódio  
E o ódio não vai vencer, não vai passar

(Lucas Silveira, VTQMV Tour'22)

## RESUMO

Esta dissertação desenvolve-se no bojo do panorama epistemológico da Análise de Discurso Materialista. Movimento desenvolvido por Michel Pêcheux nas brechas entre o materialismo histórico althusseriano, a psicanálise lacaniana e a linguística saussureana. O trabalho se divide em três momentos principais, tem início ao propor uma interlocução entre Saussure e Pêcheux, estabelecendo um diálogo direto entre o “efeito metafórico”, desenvolvido por Pêcheux, e noções centrais em Saussure, tais como analogia e relações sintagmáticas e associativas. No segundo momento, analisa-se o videodocumentário SUS 30 anos, no qual se busca compreender no âmbito do setor saúde os efeitos de sentido, pontos de tensão nas relações de identificação, resistência e assujeitamento, tanto do sujeito enfermeiro quanto da enfermagem como classe profissional. Por fim, de forma a investigar a organização do componente Saúde e seu funcionamento na interpelação dos sujeitos dentro da Constituição Federal de 1988 e da Lei 8080/90, constrói-se uma discussão entre este fragmento de legislação com a análise de discurso e a teoria da história. Ao recontextualizar conceitos e abordagens no âmbito da AAD-69 e articulá-los na busca dos funcionamentos pelos quais os embates e (re)construção de sentidos ocorrem na saúde brasileira, espera-se como contribuição desta dissertação promover interlocuções, mesmo que tímidas, entre as ciências da saúde e a análise de discurso.

Palavras-chave: Análise de Discurso Materialista. Saúde. Sentidos. Luta de Classes.

## **ABSTRACT**

This thesis adopts the epistemological approach of French Discourse Analysis. It was developed by Michel Pêcheux, as an in-between area of the Althusserian historical materialism, Lacanian psychoanalysis and Saussurean linguistics. The thesis is divided into three main moments. It starts with a critical comparative analysis between Saussure and Pêcheux's works, establishing connections around key concepts in the former, such as analogy, and syntagmatic and associative relationships with "metaphorical effect" in the latter. Seeking to understand how contradictory processes, such as identification, resistance, power struggle, and subjugation works within the health sector as they occur to both, nurses, and nursing at large, the SUS 30 anos documentary was analyzed afterwards. At the end, the 1988 Federal Constitution of Brazil, as well as Law 8080/90, were faced with Marx's theory of history and french discourse analysis to investigate the structure of the health component within the law. While working alongside a renewal movement of Pêcheux's automated discourse analysis, this thesis intended to build bridges in gaps between health sciences and french discourse analysis by looking at how discourses in Brazilian healthcare can shape and rebuild meanings.

Keywords: French Discourse Analysis. Healthcare. Meanings. Class Conflict.



## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

$\alpha$  – Alfa

$\beta$  – Beta

$\gamma$  – Gama

$\varphi$  – Fi

$\omega$  – Ômega

AAD-69 – Análise Automática do Discurso

AD – Análise de Discurso Materialista

AIE – Aparelho Ideológico de Estado

A(R)E – Aparelho (Repressivo) de Estado

CLG – Curso de Linguística Geral

ELG – Escritos de Linguística Geral

PPGLET – Programa de Pós-graduação em Letras

SD – Sequência Discursiva

SUS – Sistema Único de Saúde

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1 VOCÊ SABE O(S) SIGNIFICADO(S) DE SAÚDE? EU AINDA NÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 O EFEITO METAFÓRICO NA AAD-69: UM GESTO DE LEITURA MEDIADO NO DIÁLOGO COM OS ESCRITOS DE LINGUÍSTICA GERAL .....</b>	<b>17</b>
2.1 Considerações iniciais .....	17
2.2 Estado de língua como ancoragem semântica no jogo de deslizamentos .	21
2.3 Relações sintagmáticas e associativas e as necessidades irremediáveis às substituições um a um .....	23
2.4 Os compromissos assumidos pelo espírito e a evolução da língua através da analogia e dos esquecimentos .....	27
2.5 Por um esforço de fechamento.....	30
Referências .....	32
<b>3 DESSUPERFICIALIZAÇÃO LINGUÍSTICA NO SUS 30 ANOS: BUSCA POR OBJETOS DISCURSIVOS DO SUJEITO ENFERMEIRO.....</b>	<b>33</b>
3.1 Tensionando o efeito de transparência da linguagem na saúde.....	33
3.2 O descentramento do indivíduo como premissa .....	37
3.3 Caracterizando o processo de dessuperficialização linguística .....	39
3.4 Esboçando relações de assujeitamento e resistência .....	42
3.5 Amarrando um efeito de fechamento .....	50
Referências .....	52
<b>4 COMPONENTE SAÚDE NO DIREITO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO E SEU FUNCIONAMENTO NA INTERPELAÇÃO DO SUJEITO .....</b>	<b>53</b>
4.1 Provocação desconcertante .....	53
4.2 Interpelação do sujeito e o direito contemporâneo .....	54
4.3 Diagramas não lineares e substituições simétricas e orientadas.....	57
4.4 Esboço da conformação das condições de produção dominantes na década de 1980.....	60
4.4.1 Saúde, o Estado e o SUS .....	61
4.5 E onde fica o grito de resistência?.....	69

**Referências bibliográficas..... 70**

**5 OS FRUTOS DESSA CAMINHADA E UM APELO AOS ANALISTAS .....72**

## **1 VOCÊ SABE O(S) SIGNIFICADO(S) DE SAÚDE? EU AINDA NÃO.**

O ano é 2022. Ao que tudo indica, por hora, os efeitos da pandemia mortal de COVID-19 estão se arrefecendo. Já não morrem mais 4000 pessoas por dia, já não ouvimos mais notícias sobre a superlotação de emergências e as tão mal faladas máscaras parecem uma realidade distante para boa parte da população brasileira. A campanha de vacinação prossegue de vento em popa, com mais de 80% das pessoas, de alguma forma, imunizadas. Falam sobre quarta dose, vacinação sazonal, e veja só, tem sobrado espaço na mídia até mesmo para falar sobre dengue, influenza e uma tal de varíola dos macacos. Você e eu, meu caro leitor, sobrevivemos (por enquanto!), diferentemente das mais de 650 mil brasileiras e brasileiros desafortunados que tiveram suas vidas ceifadas no período. Vamos nos preparando para um “novo normal”.

Assim como as nossas vidas, esta dissertação também foi atravessada pelos inúmeros acontecimentos que caracterizaram essa historicidade pandêmica. Nestes anos, o produto aqui materializado, adquiriu tons, nuances, formas, muito diferentes do que se esperava em 2019, data de sua proposição ao programa de pós-graduação em letras (PPGLET). Naquela época, “saúde” não era nada particularmente interessante, era só mais um assunto dentre a miscelânea de objetos que os analistas de discurso se debruçam sobre para exercer o seu ingrato ofício. Meu objetivo, no distante projeto de dissertação, era “interrogar ao arquivo de que modo as redes de enunciados produzidos se articulam na (re)construção e deslizamento de sentidos das diretrizes e princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), 30 anos após a promulgação da Carta Magna de 88”, algo que certamente não cumpri.

Sob a gestão do (provável) presidente mais ignóbil desde a redemocratização brasileira, saúde adquiriu uma proeminência extremamente conflituosa no período da pandemia. O Estado brasileiro debatia-se sobre sua própria incompetência, insistindo em procurar pílulas mágicas para o tratamento da COVID-19, omitindo informações sobre mortalidade e incidência da doença, atrasando a compra e desenvolvimento de imunizantes, bem como transformando a nomeação de ministros de Estado em assunto digno dos tabloides sensacionalistas. Esse signo tido como tão elementar que é saúde, atuou como elemento central no seio da formação social brasileira, evidenciou embates, gritos de resistência, tentativas de sobredeterminação, um prato cheio para os analistas de discurso.

O trabalho na Análise de Discurso Materialista (AD) estabelece uma conexão muito intimista com o analista, pois diferente de outros fazeres científicos, não trabalhamos com uma hipótese prévia, não temos consciência da dimensão que a análise terá, nem o quanto ela vai exigir do sujeito. O analista é, de certa forma, refém. Ao mesmo tempo em que saúde possuía um grande potencial de análise do funcionamento de seus processos discursivos, o *corpus* da materialidade pandêmica impunha um pesado fardo, pois é um *corpus* que evidencia o horror, a negligência, as pilhas de cadáveres, a face da visceralidade humana em sua miséria. Embebido neste contexto, não há como ser leve um trabalho que adquire vida própria e te direciona para onde ele precisa ir.

Enquanto bacharel de gestão em saúde, administrador, pesquisador e analista de discurso sou compelido a confrontar este desconhecido, evidenciar os nós nesta intrincada rede de funcionamentos discursivos, pois senão, quem se encarregará de fazê-lo? É um compromisso que assumo desde o projeto, pois enquanto “engajado com a saúde pública universal, ingressar no PPGLET aponta para uma relação profícua, mas ainda incipiente, entre as ciências da saúde e os estudos discursivos. Torna-se possível repensar a práxis qualitativa na saúde, hoje hegemonicamente alinhada à análise de conteúdo”.

Neste momento, eu poderia fazer um resgate histórico das diferentes etapas da estruturação do setor saúde no Brasil, da truculência de Oswaldo Cruz, passando pelas Caixas de Aposentadoria e Pensões, até a contemporaneidade com o SUS. Também seria possível tecer uma crítica elaborada voltada ao estado da arte da produção, dita qualitativa, em saúde e como, numa busca desesperada por validação enquanto constructo científico, se insiste na reafirmação de uma máxima sobre minimização de vieses e a busca por isenção.

Para a primeira proposta, não possuo a crença de que tal retomada seja particularmente frutífera no corpo de uma dissertação em letras, ainda mais quando sanitaristas extremamente dedicados e competentes, como Jairnilson Paim e Ligia Bahia possuem produção profícua e de qualidade ímpar na área. Com relação ao segundo caso, Pêcheux<sup>1</sup> (p. 185) nos ensina que a produção dos “conhecimentos no domínio das ciências da natureza se efetua globalmente no interior de um perfeito

---

<sup>1</sup> PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016 [1975].

desconhecimento da história, isto é, da luta de classes, de modo que seus resultados se reinscrevem *espontaneamente nas formas da ideologia dominante*”, assim, tal crítica não possuiria propósito algum além de afirmar a necessidade do esquecimento nº2, materializado no “não-viés”, na constituição daqueles sujeitos.

Retomo a provocação com a qual abri este trabalho. Você sabe o(s) significado(s) de saúde? Nós, indivíduos, temos a ilusão da consciência por sermos constituídos por uma constelação n-dimensional de interpelações, que tomam existência concreta toda vez em que, por nosso intermédio, tentamos contingenciar o Real. Somos ferramentas de perpetuação da memória, bem como somos agentes da efemeridade, erodindo e reconstruindo o mundo ao nosso redor. Assim, compartilho com você, meu leitor, o vetor pelo qual as minhas condições de existência se organizaram enquanto buscava pelos sentidos de saúde, de forma que permitirá, a você, opacizar os processos discursivos que funcionam tanto por mim, quanto em mim nessa condição de sujeito autointitulado autor.

O ano é 2018. Nessa época, eu já era técnico de segurança do trabalho e, enquanto estudante concluinte da gestão em saúde, esse era o momento de escrever o famigerado trabalho de conclusão de curso. A saúde do trabalhador da saúde já era uma temática pela qual eu possuía interesse, porém difícil de se perseguir, pois existe uma grande carência de dados confiáveis para análise. Descartada a hipótese de coleta primária de dados, fiz uma discussão teórica centrada na proteção física das equipes de enfermagem como complemento estratégico nas organizações de saúde.

Acostumado com os estudos epidemiológicos, em essência quantitativos, parti em uma jornada tortuosa para entender como se fazia ciência qualitativa no campo da saúde. Essa busca foi extremamente frustrante, pois os estudos qualitativos possuíam estatuto de coisa menor, essencialmente desprovidos de valor, recebendo somente algumas páginas nos enormes manuais de metodologia científica. Quando AD é citada, normalmente não passa de uma nota de rodapé ou pequeno parágrafo.

Já em 2019, minha ex-esposa trabalhava em um projeto de pesquisa com intuito de apresentá-lo ao Ministério da Educação japonês, o qual poderia lhe dar uma bolsa de estudos. Ela havia sido orientada por Solange Mittmann, professora e pesquisadora do Instituto de Letras da UFRGS, dedicada ao trabalho com AD. O único fazer científico que ela conhecia era a AD e diariamente debatíamos sobre como não era possível estruturar um trabalho científico sem hipóteses, resultados esperados ou mesmo objetivos delineados à priori. Instigado por essa práxis que propunha um

deslocamento radical ao fazer científico que eu conhecia, inscrevi-me em um curso livre de introdução à AD, ministrado pelo novo professor, Fábio Barbosa. Após uma frenética troca de e-mails e discussões, abracei o risco e me inscrevi no processo seletivo para mestrado do PPGLET, na crença de que, uma exploração rumo ao desconhecido me tornaria um gestor com um fazer, no mínimo, mais sensível, questionador e plural.

Na tentativa de concretizar um efeito de arremate, trago o elemento determinante na minha escolha em perseguir a filiação na AD, que foi a identificação com minha orientadora. De Lattes em Lattes, todos os professores pareciam extremamente hábeis no trabalho com AD, com significativa produção. No entanto, existia um certo receio da minha parte em embarcar nessa jornada por não encontrar em nenhum deles saúde como um atravessamento maior. A professora Luciene Jung, porém, psicóloga de formação, o que me fez tintilar uma centelha de esperança na possibilidade de estabelecer um diálogo interessante. De sua produção, lembro-me da imagem vívida daquele homem que sobe, sobe e sobe infinitamente aquela escada em *o trabalho e a Outra cena: indagações sobre o sofrimento no trabalho*, de forma que ao final da leitura, já não era mais uma escolha, estava gravado em minha mente a necessidade irremediável de ser orientado por aquela mulher fantástica.

Aprendi nas ciências da saúde que na divisão do trabalho científico, dissertações são como cartas de apresentação dos novos cientistas, os mestres. O mestrado lhe capacita a fazer ciência, enquanto ofício, e ao final, você prova sua aptidão com um produto que articula as competências desenvolvidas ao redor de uma problemática pequena. É enquanto doutorando que esse cientista, reconhecido por seus pares como tal, vai se debruçar sobre problemáticas complexas e propor uma ciência de vanguarda. Normalmente, as dissertações são um artigo pronto para submissão ou já publicado, acrescidos de introdução e considerações finais. Nessa comunidade, inexistente o hábito de se ler dissertações ou teses, mas sim artigos. Tudo gira ao redor dos artigos.

Como afetado que sou por minha origem e por almejar estabelecer uma ponte de comunicação entre a AD e a saúde, esta dissertação foi organizada de forma a maximizar as chances desse intercâmbio, no formato de artigos. Aqui lhe apresento três artigos em sequência, cada um com suas próprias referências bibliográficas, abordagem e temática.

O primeiro artigo, *o Efeito Metafórico na AAD-69: um gesto de leitura mediado no diálogo com os Escritos de Linguística Geral*, foi publicado no volume 9, número 1 da revista *Muitas Vozes* (ISSN 2238-7196). Este trabalho foi fruto da busca por um maior entendimento das bases epistemológicas da linguística, em Ferdinand de Saussure, bem como, do desejo de promover um diálogo dele com a Análise Automática do Discurso. Operacionalizar essa relação foi importante, enquanto etapa, para fixar conceitos como valor, relações sintagmáticas e associativas, estado de língua, etc., bem como por me obrigar a navegar pelos constructos da AAD-69.

O segundo artigo, *Dessuperficialização linguística no SUS 30 anos: busca por objetos discursivos do sujeito enfermeiro*, foi publicado no número 13, de 2021, da revista *DisSol* (ISSN 2359-2192). Este texto marca a primeira análise, propriamente dita, efetivamente realizada tomando o trabalho em saúde como temática central. Em seu processo de escrita, a materialidade evidenciou a necessidade de se repensar o próprio funcionamento e estruturação do SUS, arena de embate da luta de classes, bem como olhar para saúde, em sua concepção mais elementar, e ver como ela opera enquanto parte do direito nos/para/pelos sujeitos.

O terceiro artigo, *Componente saúde no direito brasileiro contemporâneo e seu funcionamento na interpelação do sujeito*, é um manuscrito provisoriamente acabado no qual toda a minha fascinação pelo aparato teórico-metodológico utilizado por Pêcheux em sua produção pré-1975 toma forma. Este manuscrito também marca uma tentativa de aprofundamento no materialismo histórico, mobilizando Althusser como centro de uma análise que questiona a Constituição Federal de 1988 e a Lei 8080/90. Indaga-se como saúde opera enquanto mecanismo de assujeitamento, como o Aparelho de Estado brasileiro contemporâneo reproduz a ideologia dominante ao se comprometer com saúde, bem como a inocuidade da distinção público e privado no interior do SUS.



## 2 O EFEITO METAFÓRICO NA AAD-69: UM GESTO DE LEITURA MEDIADO NO DIÁLOGO COM OS ESCRITOS DE LINGUÍSTICA GERAL

### 2.1 Considerações iniciais

O produto do esforço empreendido em 1916 por Charles Bally e Albert Sechehaye para a organização e publicação do *Curso de Linguística Geral* (1975; doravante *CLG*), posteriormente conhecido como vulgata dentro dos estudos saussurianos, surge como uma ruptura paradigmática nas ditas ciências humanas. Arrivé (2007, p.22-23) afirma que foi por meio da vulgata que “o pensamento de Saussure exerceu sua influência sobre a evolução da linguística e das ciências humanas do século XX”, sendo o único texto lido entre 1915 e 1957 para compreender a linguística saussuriana. Com as fortes reverberações do *CLG*, linguistas, antropólogos, historiadores, sociólogos, dentre outros pesquisadores tiveram tanto a relação com as práticas do seu fazer quanto a própria forma de delinear seu objeto irremediavelmente transformadas. A herança saussuriana é de tal impacto e amplitude que reflete a ousadia de seu mestre. Uma amostra da radicalidade da intervenção que propunha Ferdinand de Saussure já pode ser encontrada no escrito, datado de 1891, acerca da primeira conferência na Universidade de Genebra, no qual ele provoca a reflexão sobre o papel do estudo da linguagem ao questionar:

Vocês pensam seriamente que o estudo da linguagem teria necessidade, para se justificar ou para se desculpar por existir, de provar que é útil às outras ciências? [...] A que ciência se pede, como condição preliminar para existir, que se empenhe em fornecer resultados destinados a enriquecer as outras ciências que se ocupam de outros objetos? Isso é recusar a ela qualquer objeto próprio (SAUSSURE, 2004, p. 127).

Vemos aqui uma das primeiras evidências públicas e registradas desta crítica pungente que o autor fazia ao trabalho científico de sua época. A linguística se tornou a ciência modelo das humanidades por excelência, influenciando muitos dos pensadores subsequentes a desenvolverem suas práticas seja em consonância seja em divergência com ela, adotando-a como ponto de partida teórico, metodológico ou mesmo epistemológico. Os estudos conduzidos por Jakobson (na disseminação da Linguística Estrutural e elaboração de sua Teoria da Comunicação) e por Lévi-Strauss (fundador da Antropologia Estrutural) são alguns dos trabalhos notáveis nas ciências humanas com base ou inspiração nesse movimento. Nessa linha, ao comentar sobre

a influência de Saussure sobre teóricos da linguística e das ciências humanas no século XX, Arrivé (2007) afirma:

Para citar, em desordem, apenas os nomes evocados acima, Meillet, Trubetzkoy, Hjelmslev e Merleau-Ponty só conheceram o *Curso* por meio da “vulgata”. Jakobson, Benveniste, Martinet, Lacan, Lévi-Strauss, Barthes e Greimas tiveram conhecimento, em graus diversos, da existência das fontes manuscritas e de suas divergências com o texto padrão. Mas, essencialmente, foi a “vulgata” que deu forma a sua reflexão. (ARRIVÉ, 2007, p. 23, grifo do autor)

Dentre as várias disciplinas fundadas na esteira da ruptura saussuriana, destacamos a Análise de Discurso (AD) fundada por Michel Pêcheux, também reconhecida hoje como Análise de Discurso Materialista. Ressaltamos nossa tomada de posição política ao aderirmos ao movimento que emprega a formulação Análise de Discurso Materialista para demarcar firmemente nossa vinculação e identificação com os textos clássicos da área inaugurada por Michel Pêcheux e seus pressupostos. Diz-se Materialista na acepção do delineamento proposto por Althusser na leitura das obras de Karl Marx, sendo de forma simplificada, a “teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 160). Essa demarcação tem estatuto preciso e designa um movimento de resgate frente às derivas teóricas e institucionais que tem ocorrido na institucionalização da AD no Brasil.

A AD se origina nas teses desenvolvidas por Michel Pêcheux na França, a partir de 1966, ao articular três áreas distintas do conhecimento: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, atravessadas por uma teoria psicanalítica do sujeito (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 160). Afirma-se que Pêcheux foi um leitor atento da obra de Saussure, tendo não somente estudado a fundo a vulgata, como também as *Sources manuscrites du CLG*, as publicações de Starobinski e o trabalho sobre os *Nibelungen* (GADET *et al.*, 2014, p. 40-42). Além disso, na elaboração de suas propostas, Pêcheux teve como forte referência outros autores notadamente influenciados por Saussure como Jakobson, Benveniste e Lacan. Desta forma, ao considerarmos os efeitos da influência linguística em AD, não se fala de qualquer linguística, mas do legado saussuriano em suas minúcias.

A *Análise Automática do Discurso* (2019; doravante AAD-69), livro datado de 1969, é a obra seminal de Pêcheux na AD. Logo nas primeiras páginas de seu texto,

o autor cita nominalmente a importância do *CLG* e do deslocamento saussuriano nos estudos da linguística e do texto:

ora, o deslocamento conceitual introduzido por Saussure consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um *sistema*, deixa de ser compreendida como tendo a *função* de exprimir sentido; ela se torna um objeto do qual uma ciência pode descrever *funcionamento* (PÊCHEUX, 2019, p. 18, grifos do autor).

A partir desse deslocamento, uma teoria da linguagem que pode ter seu funcionamento analisado e descrito, Pêcheux aponta em seus trabalhos para um espaço abandonado pela trajetória do cientificismo corrente na linguística de seu tempo. Ele vai se propor a trabalhar “no terreno deixado livre pela linguística” visando examinar diferentes tipos de respostas a questionamentos como “o que quer dizer este texto?” e “que significação contém esse texto?” (PÊCHEUX, 2019, p. 19). Pode-se notar que, desde os primórdios da AD, a linguística saussuriana é parte do panorama epistemológico irreduzível e, ao mesmo tempo, é ponto de inflexão necessário para o desenvolvimento da teoria do discurso (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 159-160).

Cabe aqui uma observação importante: é pacificado na AD seu estatuto como disciplina situada no entremeio conflituoso da tensão dos três campos que a constituem. Assim, ela não se constitui como uma colagem multidisciplinar das características chave dessas áreas. Dessa forma, podemos estender com tranquilidade o entendimento apresentado anteriormente acerca da linguística saussuriana para a psicanálise e o materialismo histórico, no entanto esses não são o foco e escopo deste trabalho.

Antes de prosseguirmos, faremos algumas ponderações sobre as opções teóricas, bem como sobre os nossos limites neste exercício de leitura mediada. Partimos do lançamento de uma nova edição da *AAD-69* no IX Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD 2019), o qual reacendeu a centelha do interesse da comunidade acadêmica nessa época da AD, a dita maquinaria discursivo-estrutural do período até 1975, resultando em tentativas de recontextualização de conceitos e abordagens. O efeito metafórico é um desses conceitos parcialmente relegados no período pós-maquinaria discursiva, pois, quando o processo de produção discursiva deixa de ser visto como fechado e autodeterminado em si mesmo, a ideia de estabilidade que permitia a justaposição das unidades é parcialmente desmontada. Como parte integrante da lógica de software concebida por Pêcheux, com o fim do analisador automático, as minúcias operacionais do conceito foram esvaziadas, sobrevivendo hoje, à comunidade acadêmica, somente na forma de uma construção vaga. Nos atermos ao período da *AAD-69* nessa leitura mediada é um esforço tanto para nos inserirmos no movimento global de retomada desta, quanto para evitarmos a homogeneização decorrente de seu apagamento no passar dos anos.

Sob o risco de incidirmos neste artigo tanto em anacronismo quanto em projeção, também é imprescindível reiterarmos que não pretendemos em momento

algum rastrear os percursos ou definir origens para qualquer construção. Os escritos foram descobertos apenas em 1996, de forma que não é possível legitimar qualquer posição teórico-metodológica de Pêcheux a partir de enunciados que ele nunca leu. Procuramos neste artigo tão somente efetuar uma justaposição crítica de partes da obra de Ferdinand de Saussure com a *AAD-69*, de Michel Pêcheux, num gesto de leitura mediado. Neste esforço, buscou-se sobretudo estabelecer um diálogo direto entre o “efeito metafórico” desenvolvido por Pêcheux e noções centrais em Saussure, como analogia e relações sintagmáticas e associativas, de forma a contribuirmos com os esforços de recontextualização dos conceitos e abordagens da *AAD-69*.

Para além do diálogo direto, é imprescindível advertir ao leitor sobre a recorrente presença transversal de conceitos, por exemplo, o valor linguístico, os estados de língua, dentre tantos outros. Reconhecemos o estatuto e o lugar precisos dos conceitos saussurianos, porém, mesmo que haja uma tentativa de delimitação do escopo, a organização da linguística saussuriana se estrutura firmemente em forma de uma rede complexa de relações interdependentes. No sistema saussuriano, a própria existência desses estatutos só pode ser concebida como é devido a esse imbricamento de colaboração mútua, em outras palavras, uma orquestra bem arranjada na qual cada verdade individualmente carrega em seu âmago toda a essência do pensamento saussuriano, pois:

parece impossível, de fato, dar preeminência a tal ou tal verdade da linguística, de maneira a fazer dela o ponto de partida central: mas há cinco ou seis verdades fundamentais tão ligadas entre si que se pode partir indiferentemente de uma ou de outra que se chegará logicamente a todas as outras e à mais ínfima ramificação das mesmas consequências, partindo de qualquer uma dentre elas (SAUSSURE, 2004, p. 23).

Tendo em vista a abrangência e a dispersão que a recepção das ideias de Saussure teve, e ainda tem, nas ciências humanas, conceber a influência de seu pensamento em autores posteriores se mostra uma tarefa de difícil execução. Dito isto, não se faz necessário limitarmo-nos àquilo que sabemos por meio de registros formais que um autor leu sobre o outro. Adotar essa limitação seria uma postura potencialmente equivocada e essencialmente redutora, pois nela se negligencia a rápida troca de conhecimentos e a atividade pulsante nas comunidades científicas, nos grupos acadêmicos e a fluida circulação de ideias que ocorria com vigor na primeira metade do século XX (KUHN, 2013). Especialmente quando se considera o caso de Ferdinand de Saussure e sua linguística, muito pouco de sua produção foi formalmente registrada. Não é a vulgata de 1916 (ou as edições comentadas), nem sua pequena bibliografia autográfica, tampouco os materiais achados posteriormente, que necessariamente refletem integralmente o pensamento do linguista. É devido à existência desse todo já-dito circulante do pensamento linguístico – ou seja, o fluxo de desenvolvimento dos paradigmas científicos, como desenvolvido por Kuhn (2013)

– nessa temporalidade histórica do início do século XX que permite a instauração de desenvolvimentos paradigmáticos decorrentes, como: a edição do *CLG* por Charles Bally e Albert Sechehaye; os desdobramentos e proposições estruturalistas; as contribuições psicanalíticas no campo da linguagem; e a teoria de Michel Pêcheux. Inseridos neste panorama, concordamos e seguimos os questionamentos de Arrivé (2010) sobre como considerar a obra de Saussure:

é preciso levar em conta estritamente a versão padrão? Isso seria ficar cego diante de certos aspectos decisivos, apesar de seu relativo ocultamento, do pensamento de Saussure. Ou seria indispensável recorrer exclusivamente às fontes manuscritas? Isso seria, então, impedir-se de entender alguns aspectos da influência exercida pelo *Curso*. Não seria preferível levar em consideração, ao mesmo tempo, as duas tradições, não sem antes distingui-las com o máximo de rigor? (ARRIVÉ, 2010, p. 26, grifo do autor).

Ao se retornar aos clássicos e explorar as premissas teóricas basilares tanto em Ferdinand de Saussure quanto em Michel Pêcheux, arranja-se um movimento com propósito primordial de proporcionar uma compreensão expandida, mas ainda assim firmemente fundamentada do efeito metafórico à comunidade acadêmica da AD. Iniciaremos abaixo este que é um gesto de leitura mediado pelo diálogo íntimo com o material autográfico presente nos *Escritos de Linguística Geral* (2004) e, no entanto, sem nunca cogitar, como já apontado, renunciar ao *CLG* e suas numerosas contribuições ao campo.

## **2.2 Estado de língua como ancoragem semântica no jogo de deslizamentos**

Na formulação e estruturação desse campo singular que é a AD, Pêcheux se preocupa extensivamente com a ideia de fornecer um instrumento científico às ciências sociais. Nos trabalhos assinados em 1967 e 1968 sob o pseudônimo de Thomas Herbert, seu questionamento é centrado numa compreensão singular do estado, dito pré-científico, das ciências sociais e sua apropriação dos instrumentos científicos. Ao criticar duramente a psicologia social, ele lança mão de uma elaborada estratégia para sustentar, numa comunidade acadêmica de inclinação dissonante à sua, a tese de que metáfora e ideologia não são desvios, mas o próprio cerne da produção de sentidos. Na *AAD-69*, há o interesse explícito a respeito das problemáticas ao redor da semântica e da metáfora, tratadas nesse momento por meio da conceituação do efeito metafórico. Este, por sua vez, é peça essencial na

maquinaria, pois permitirá “extrair os *domínios semânticos*” para analisar cada forma discursiva possível (PÊCHEUX, 2019, p. 63, grifo do autor). É somente no concatenamento desses esforços que seria possível delinear uma teoria completa na qual se esboçasse “uma análise não-subjetiva dos efeitos de sentido” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 168) provocados na articulação e no uso dos diferentes discursos.

O efeito metafórico é um dos dispositivos desenvolvidos na trama conceitual interdependente da AD para operar sobre o seguinte enunciado: “sejam dois termos  $x$  e  $y$ , pertencentes a uma mesma categoria gramatical em uma língua dada  $\mathcal{L}$ . Existe pelo menos, um discurso no interior do qual  $x$  e  $y$  possam ser substituídos um pelo outro sem mudar a interpretação desse discurso?” (PÊCHEUX, 2019, p. 52, grifos do autor). É definido como “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual” pelo qual dois grupos de termos ou expressões “produzem o mesmo efeito de sentido em relação a um contexto dado mantendo a relação de sinonímia no discurso” (PÊCHEUX, 2019, p. 54).

Ao escolher prosseguir com a hipótese da substituição contextual – na qual substituições são possíveis somente às vezes – como regra geral, Pêcheux o faz em observância ao que considera ser “característico dos sistemas linguísticos ‘naturais’” (PÊCHEUX, 2019, p. 54, grifos do autor). Assim, molda a teoria ao entender as muitas particularidades e limitações impostas pela fluidez do jogo de negatividades entre os valores no imbricado sistema ordenado dos signos linguísticos. A partir dessa asserção, podemos contribuir para um melhor entendimento resgatando o questionamento e subsequente discussão a respeito da natureza do objeto em linguística, elencados pelo próprio Saussure nos *Escritos de Linguística Geral* (2004):

Será que a lingüística encontra diante de si, como objeto primeiro e imediato, um objeto dado, um conjunto de coisas evidentes [...]? De maneira alguma e em momento algum [...]. Não há nenhuma entidade linguística, que possa ser dada, que seja dada imediatamente pelo sentido; nenhuma que exista fora da idéia que lhe possa ser vinculada; [...] não há nada em comum, em essência, entre um signo e aquilo que ele significa (SAUSSURE, 2004, p. 23).

Nem os objetos, tampouco os sentidos, podem ser dados *a priori* pois não existe uma amarração que os una de forma unívoca na natureza: é necessário que haja a vinculação dos significados e significantes respeitando as relações vigentes do sistema dado, num momento específico. A própria significação é “apenas uma maneira de exprimir o valor de uma forma” (SAUSSURE, 2004, p. 41), evidenciando

o status secundário do sentido frente à constituição do sistema e suas relações. Há respaldo para essa constatação em Saussure ao expor que “o sentido pode variar numa medida infinita sem que o sentimento de unidade do signo seja, nem mesmo vagamente, atingido por essas variações” (SAUSSURE, 2004, p. 41). Em outras palavras, o reconhecimento de um estado de língua estabelecido, é criado respeitando o “princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS” (SAUSSURE, 2004, p. 27, grifos do autor), engendrado no sistema de signos da língua.

Entretanto, é essencial reconhecer que, mesmo sem sentidos dados *a priori*, essas vinculações, ocorridas em dado estado de língua e respeitando as relações de negatividade, não significam que inexistem um ordenamento aceitável dentre o todo possível das relações. Na realidade encontra-se exatamente o oposto:

de maneira geral, a língua repousa sobre um certo número de diferenças ou de oposições que ela reconhece, sem se preocupar essencialmente com o valor absoluto dos termos opostos, que poderá variar consideravelmente, sem que o estado de língua seja destruído (SAUSSURE, 2004, p. 37).

Por mais que a variação dos valores seja considerável, a própria língua não aceita qualquer diferença: ela impõe um limite das possibilidades reconhecíveis, limite esse que não é dado *a priori*, só podendo começar a ser delineado após análises. A conformação deste limite existe em um estado de língua, “um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima” (SAUSSURE, 1975, p. 119-120). Ou seja, podemos afirmar que a composição do sistema da língua com um estado bem delimitado das condições de produção é esse estado de língua, no qual é possível colocar em evidência pontos de ancoragem semânticos para o jogo de deslizamentos das metáforas.

### **2.3 Relações sintagmáticas e associativas e as necessidades irremediáveis às substituições um a um**

Consideradas as vastas possibilidades das relações de negatividade do valor em um único estado de língua, é improdutivo buscar qualquer relação de sinonímia que transcenda entre estados diversos, pois desrespeitaria o que vimos anteriormente. Sendo cada estado radicalmente diferente um do outro, não há ponto

de ancoragem comum que permita estabelecer algum parâmetro estável para se efetuar comparações.

É sensato, então, abordar o objeto por outro panorama e tomar por regra geral que a substituição que preserva a interpretação original é uma dentre muitas possibilidades existentes e que, necessariamente, precisa ser comprovada no contexto dado. Pêcheux vai por esse caminho ao reconhecer as impossibilidades trazidas com as noções de vinculação de sentido dependentes de relações negativas, inexistência de significado *a priori* e a impossibilidade de comparação entre estados de língua diversos.

Dessa forma, a existência de efeito metafórico entre termos de discursos diversos requer que eles possuam entre si “interpretação semântica idêntica”. Em outras palavras, para se provar a existência do efeito metafórico, duas necessidades devem ser atendidas: que os lexemas em questão possuam “contexto comum de substituição” entre si e que os enunciados que os contêm tenham “posição funcional” similar frente a outro igual número de enunciados com interpretação semântica idêntica já estabelecida (PÊCHEUX, 2019, p. 59). Para ambas as necessidades, todos os discursos mobilizados (e suas respectivas materialidades, os enunciados) precisam partir de um mesmo processo de produção.

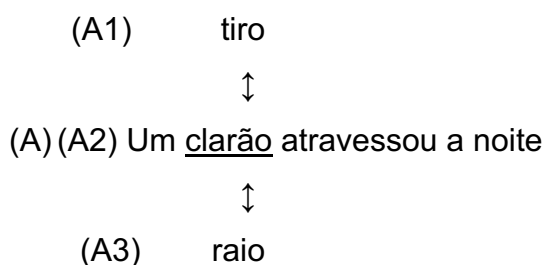
Na AAD-69, um processo de produção específico necessariamente implica a operação de composição entre as condições de produção e um sistema linguístico dado (PÊCHEUX, 2019, p. 45). Entende-se condições de produção, conforme a AAD-69, como o fenômeno de funcionamento não integralmente linguístico pelo qual há a colocação dos protagonistas e do objeto no discurso (PÊCHEUX, 2019, p. 35). Satisfazemo-nos com essa definição devido ao recorte temporal e escopo material escolhidos para este artigo, bem como não ser nosso foco debater as minúcias das particularidades de outros elementos da rede conceitual da AD. Neste gesto de leitura mediado, a justaposição crítica nos permite deduzir que esse elemento limitador imposto foi projetado para proporcionar um espaço-tempo estável ao analista do discurso para operar com a língua na maquinaria discursiva da AAD-69 e tornar o efeito metafórico um constructo possível.

Propomos a exploração do “contexto comum de substituição” retomando as relações associativas, ou como apresentada nos *Escritos de Linguística Geral* (2004): a “*paralelie* ou fala potencial, [...] regime no qual um elemento leva uma existência em meio a outros elementos possíveis” (SAUSSURE, 2004, p. 58, grifo do autor). As



relações em *paralelie* são existências potenciais vinculadas sempre a uma dada presença concreta na língua, possibilidades num dado estado de língua, afinal “um signo em linguagem só existe pelo estrito fato da existência de outros” (SAUSSURE, 2004, p. 47). Pêcheux (2019, p.55) reconhece essas realidades inescapáveis do signo e conforma sua teoria ao requisito imposto pela linguística saussuriana ao preconizar que qualquer operação de substituição ou equivalência na ordem do discurso deve sempre ser feita termo a termo, um a um, entre o presente e o potencial.

Buscando clarificar o nosso percurso até aqui, resgatemos de forma despretensiosa parte do exemplo de Pêcheux (2019, p.61) no qual ele propõe a investigação sobre a ocorrência do efeito metafórico entre os termos “raio”, “tiro” e “clarão” dentro de um dado sintagma A:



O autor nos afirma que essas três possibilidades (a substituição no sintagma entre “raio”, “tiro” e “clarão”) preenchem a “condição de proximidade paradigmática” visto que podem ser substituídas com êxito umas pelas outras nesse contexto comum (“atravessou a noite”), resultando em interpretação semântica idêntica em todas as combinações (A1, A2 e A3). O que permite isso é a relação associativa, já que todo e qualquer “termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida.” (SAUSSURE, 1975, p.146).

A respeito da “posição funcional” dos enunciados nos quais se inserem os termos, complementa Pêcheux (2019, p. 59) que esses lexemas precisam conseguir desempenhar o mesmo papel na estrutura interna dos enunciados com relação ao seu contexto imediato em cada um dos discursos em comparação. Esta restrição evidencia a necessidade de se levar em consideração as relações limitadas de função – internas ao enunciado e relativas à sintaxe –, bem como convoca um diálogo com a noção saussuriana de sintagma, pois segue a mesma forma básica deste: “um sintagma suscita [...] a idéia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos” (SAUSSURE, 1975, p. 146).

A função desempenhada decorre da posição do elemento em determinado ordenamento, é o engendramento no conjunto de regras permitidas pela estrutura da língua. Estabelecida a conexão, é possível verificar que as características básicas do sintagma delineiam as formas como posições funcionais semelhantes que podem ser observadas, sendo um retorno às relações de valor decorrentes de oposições: “Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. [...] A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva” (SAUSSURE, 1975, p. 142-143).

Considerando isso e voltando ao exemplo de Pêcheux (2019, p.61), deve-se notar a dependência da relação entre possibilidades *in absentia* e sintagma posto, pois quando incorporamos mais contexto, as relações discursivas se alteram:

(B1) O xerife avançava em direção ao saloon, um clarão atravessou a noite.

(B) ↑

(B2) O xerife avançava em direção ao saloon, um tiro atravessou a noite.

Assim, o sintagma B1 poderia ter igual efeito metafórico que o sintagma B2. Porém, aqui a substituição associativa em A3 com “raio” já não possui mais interpretação semântica idêntica. Da mesma forma ocorre com o termo “tiro” de A1, se considerarmos o sintagma:

(C1) A tempestade ribombava, um clarão atravessou a noite.

© ↑

(C2) A tempestade ribombava, um raio atravessou a noite.

Disto resulta o efeito metafórico de que “tiro = clarão” em B e que “clarão = raio” em C, mas que só se prova verdadeiro em cruzamentos específicos de relações sintagmáticas e associativas. Disto Pêcheux (2019, p. 62) nos ensina que “as relações de interpretação semântica não são transitivas”, logo dizer que “tiro = clarão” e “clarão = raio” não implica que “tiro = raio”, pois apesar de cumprida a “condição de proximidade paradigmática”, não está cumprida a “condição de identidade das

posições funcionais”. Assim, a interpretação semântica em B é diferente da interpretação semântica em C.

Defendemos a associação direta com as relações em presença organizadas no sintagma quando considerada a atribuição de sentido desses lexemas, pois na “delimitação qualquer de outros termos existentes no mesmo momento [um termo] só assume *aquele* sentido no enunciado específico pela delimitação imposta pela presença dos outros termos concomitantes na relação sintagmática” (SAUSSURE, 2004, p. 70, grifo do autor). Assim como os conceitos saussurianos são mutuamente interdependentes em sua concepção e uso, o mesmo se observa na relação dicotômica constituinte da “interpretação semântica idêntica” necessária ao efeito metafórico.

Ressaltamos o entendimento que a operação de composição presente no processo de produção comum aos discursos em análise fará com que as condições de produção ajam como elemento limitador perante o sistema linguístico. Isso imporá ao analista de discurso a necessidade de corretamente situar as condições de produção em análise em seu trabalho com a língua. A questão da conjuntura e a sua conexão material no espaço-tempo ressoa com a constatação nos *Escritos de Linguística Geral* (2004) de que “há, em cada região do globo, um estado de língua que se transforma lentamente” (SAUSSURE, 2004, p. 134), mostrando que esse recorte não é, de forma alguma, descabido e que a relativa estabilidade do estado de língua também supõe um componente tanto geográfico quanto populacional. Desse modo, a operação de composição e a subsequente limitação que se impõe são arquitetadas por Pêcheux (2019) no reconhecimento de que a língua e seus elementos, como preconizados na linguística saussuriana, são indivisíveis e devem sempre ser tomados de empréstimo em sua totalidade.

#### **2.4 Os compromissos assumidos pelo espírito e a evolução da língua através da analogia e dos esquecimentos**

Na relação entre dois discursos oriundos de um mesmo processo de produção, Pêcheux (2019, p. 62) nos adverte que é altamente improvável que o todo ali possível dos efeitos metafóricos seja equivalente, isomorfo. Uma possível intenção do sujeito falante não é um ponto de interesse no panorama epistemológico da AD. De fato, seu objeto se situa nos tensionamentos ocasionados pela sujeição

constitutiva do psicológico – o dito espírito – no efeito de transparência presente na própria materialidade linguística em análise. Esta observação nos impõe que resgatemos as noções dos esquecimentos nº 1 e nº 2, conforme definido por Pêcheux e Fuchs (2014, p. 176-177), para traçarmos novos diálogos:

na medida em que o sujeito se corrige para explicitar a si próprio o que disse, para aprofundar ‘o que pensa’ e formulá-lo mais adequadamente, pode se dizer que esta zona [esquecimento] nº 2, que é a dos *processos de enunciação*, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/consciente. Por oposição, o esquecimento nº 1, cuja zona é inacessível ao sujeito, precisamente por essa razão, aparece como constitutivo da subjetividade na língua. Desta maneira, pode-se adiantar que este recalque [...] é de natureza inconsciente, no sentido em que a ideologia é constitutivamente *inconsciente* dela mesma (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 176-177).

Ou seja, o esquecimento nº 1 resulta que o sujeito acredita que tem controle sobre os sentidos que enuncia, e o esquecimento nº 2, que ele acredita que é fonte do seu dizer. A sintaxe da língua se impõe ao sujeito, que hesita, cerceia, adjetiva e precisa se corrigir enquanto enuncia para tentar conter deslizamentos próprios da fala (como o chiste e o zeugma). Esses deslizamentos evidenciam no fio do discurso aqueles elementos além de seu controle, que são dependentes dessa subjetividade e afetam singularmente o sentido do que está ali dito. É com os esquecimentos nº 1 e nº 2 que ocorre o processo de composição do sistema linguístico com a Ideologia no qual o discurso adquire forma material. É nesse contínuo jogo de forças entre a língua, a Ideologia e o inconsciente que as relações entre os efeitos metafóricos dentro de um mesmo processo de produção se deformam e escorrem, dando origem, assim, a relações de dominância desiguais para essas metáforas.

Em nosso movimento de justaposição crítica, o prisma dessa mesma confluência pode ser explorado numa posição centrada na língua, nos *Escritos de Linguística Geral* (2004), quando encontramos que:

a linguagem é, a cada momento de sua existência um produto histórico, isso é evidente. Mas que, em momento algum da linguagem, esse produto histórico representa outra coisa que não seja o último compromisso que o espírito aceita com certos símbolos, eis aí uma verdade mais absoluta ainda, já que sem este último fato não haveria linguagem (SAUSSURE, 2004, p. 180).

Até um novo compromisso ser forjado, um processo de tensão para mudança e evolução vai se formando na figura das analogias: “eu quero lembrar, de dois

agentes distintos, um psicológico, que se concentra na ‘operação de analogia’, o outro mecânico, fisiológico [...]” (SAUSSURE, 2004, p. 144-145). As operações de analogia se encontram na massa de falantes, “esse fenômeno [analogia] representa uma *associação de formas* no espírito, citada pela *associação das ideias representadas*” (SAUSSURE, 2004, p. 140, grifos do autor), que dominarão as associações das formas com as ideias, mesmo que cerceadas pelas regras do sistema. A evidência dessa interdependência é resgatável quando se admite que:

uma língua qualquer num momento qualquer nada mais é do que um vasto enredamento de formações analógicas, [...] esses fatos: não são fatos excepcionais ou anedóticos, não são *curiosidades* ou anomalias, mas a substância mais clara da linguagem, em qualquer parte e em qualquer época (SAUSSURE, 2004, p. 140-141, grifos do autor).

Se um estado de língua não é nada além desse “vasto enredamento de formações analógicas” – fruto das associações sancionadas pelo espírito – e está em constante reorganização e evolução – resultando em novos compromissos aceitos com certos símbolos –, é de se questionar: o polimorfismo das relações metafóricas pode ser intencionalmente controlado? Sendo essas relações da ordem do discurso parcialmente linguísticas, pode-se refletir:

os fatos lingüísticos podem ser tidos como resultado de atos de nossa vontade? Tal é, portanto, a questão. A ciência da linguagem, atual, lhe dá uma resposta afirmativa. Só que é preciso acrescentar, imediatamente, que há muitos graus, como sabemos, na vontade consciente ou inconsciente; ora, de todos os atos que se poderia por em paralelo, o ato lingüístico, se posso chamá-lo assim, tem a característica [de ser] o menos refletido, o menos premeditado e, ao mesmo tempo, o mais impessoal de todos (SAUSSURE, 2004, p. 132).

Mais do que mera convenção histórica, o sistema da língua impõe ao sujeito a submissão a um estado de interdependência, de forma que é só nos compromissos aceitos pelo espírito, em cada estado de língua, que os símbolos são efetivamente aceitos e a linguagem efetivamente ganha vida. Como que por um pacto, é na aceitação e no reconhecimento de uso, em cada funcionamento da língua, que ela é materialmente situada numa temporalidade pela comunidade falante e sua subjetividade. Em um ciclo contínuo, o “discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria prima” (PÊCHEUX, 2019, p. 33-34), de forma que a Ideologia e o inconsciente estão sempre presentes, são assim partes constitutivas de cada estado de língua.

## 2.5 Por um esforço de fechamento

Explicamos estado de língua e efeito metafórico. Abordamos o processo pelo qual dois termos *x* e *y* quaisquer são submetidos ao teste das necessidades irremediáveis – posição funcional semelhante e condição de proximidade paradigmática – para que exista interpretação semântica idêntica entre eles, e dialogamos extensamente com as relações em presença (sintagmáticas) e em *paralelie* (associativas). Em seguida, explicamos os compromissos do espírito e seu papel na evolução da língua através das operações de analogia, tudo isso pautados nas relações extra sujeito constituintes dos sentidos.

Mediados pela teoria do discurso e seus meandros, propomos neste gesto de leitura explicitar que é somente com a estabilidade do estado de língua, como teorizada por Saussure, que podem ocorrer tanto as substituições contextuais do efeito metafórico quanto a atuação do espírito na própria evolução da língua. Assim, o processo de produção dos discursos possui conexão direta sempre com uma sincronia determinada, em relação que julgamos ser de dependência. Pois é nessa sincronia que “as propriedades gerais do signo podem ser consideradas” (SAUSSURE, 1975, p. 117) e na qual o analista pode se colocar “diante do objeto complexo que é a linguagem, para fazer seu estudo”, abordando “necessariamente esse objeto por tal ou tal lado, que jamais será toda a linguagem” (SAUSSURE, 2004, p. 24).

O analista de discurso não é autorizado pela teoria pecheutiana da AAD-69 a reteorizar nem assimilar partes da linguística saussuriana e seu objeto, mas cabe a ele em sua prática operar com o todo do sistema da língua e condicionar uma perspectiva desse sistema a certa estabilidade para se ter o discurso fixado em sua base material. Dito isto, é impreterível que as prescrições teóricas concernentes tanto às condições de produção quanto ao sistema da língua sejam ambas obedecidas em sua integralidade pelo analista, pois somente dessa forma é que o tecido de elementos solidários se estrutura e permite que seja possível formular questões discursivas acerca do efeito metafórico e da evolução da língua. Dito isto, encaminhamo-nos a um efeito de fechamento dessa discussão.

No constructo montado por meio deste gesto de leitura mediado, evidenciamos que os processos inerentes ao efeito metafórico tensionam a relativa

estabilidade do sistema da língua numa sincronia especificada. Na teoria do discurso, é inconcebível considerar a construção, a transformação, os esquemas de valor e as possibilidades de encadeamento semântico dos termos e suas significações como fatos meramente linguísticos, pois seria ignorar a presença constituinte da Ideologia e do inconsciente.

Dessa forma, o diálogo com as fontes autográficas nos *Escritos de Linguística Geral* (2004) foi especialmente proveitoso pois assim se tornou possível notarmos contribuições que estreitam o laço entre a AD e a linguística saussuriana por uma via muito pouco ressaltada – os aspectos psicológicos, o dito espírito – os pontos de fuga mais próximos da fala, o ato individual do sujeito. Essa relevância é materialmente demarcada em várias instâncias nos escritos autográficos saussurianos, como bem explicitado na observação colocada entre parênteses por ele ao tratar de “forma”:

chama-se *forma* uma figura vocal que é determinada *para a consciência dos sujeitos falantes*. (A segunda menção é, na realidade, supérflua, porque *nada existe* além do que existe para a consciência; então, se uma figura vocal é determinada, ela o é imediatamente) (SAUSSURE, 2004, p. 47, grifos do autor).

Como já debatemos no curso deste artigo, a AD não se presta a absorver características de suas bases epistemológicas, mas funciona pelas frestas e pontos de deriva dessas teorias. Michel Pêcheux, como leitor atento de Ferdinand de Saussure, entendia bem o escopo e a abrangência do deslocamento saussuriano constitutivo da linguística moderna. Entretanto, como analistas do discurso não podemos imputar à Saussure o que ele não disse, tampouco projetarmos em Pêcheux o que ele não teve acesso durante sua vivência nos círculos acadêmicos, como é o caso dos *Escritos de Linguística Geral* (2004).

Pêcheux não visava com a AAD-69 expandir a linguística, assim ele não a fragmenta, não a incorpora nem a reduz, mas a toma por inteiro como necessidade irremediável ao trabalho dos analistas do discurso. No caso específico, é parcialmente se aproveitando dos objetos de não-estudo, das discontinuidades e dos espaços vazios definidos na linguística saussuriana pelo CLG, a vulgata, que ele monta o panorama epistemológico para delinear o objeto da AD, o discurso. Essa conformação epistemológica era necessária para que fosse possível a criação de uma teoria que propusesse investigar com base na língua os processos de produção discursiva pelos quais os efeitos de sentido tanto se estabelecem quanto deslizam.

Fundado um campo no qual se tem como etapa primeira se debruçar sobre o sistema da língua para sua prática, toma-se que “para cada ordem, com efeito, sente-se a necessidade de determinar o objeto; e, para determiná-lo, recorre-se, maquinalmente, a uma segunda ordem” (SAUSSURE, 2004, p. 27). O discurso como objeto só pode ser mais bem determinado e compreendido quando o pesquisador, em sua prática-teórica, toma nota das minúcias dessas outras ordens que estão ali colocadas no campo, sendo elas tomadas como base epistemológica ou então como pontos de inflexão. Assim, é relevante traçar diálogos com esses diferentes “Saussures” quando buscamos nos inserir neste esforço de renovação do interesse pela AAD-69 frente à comunidade acadêmica.

## Referências

ARRIVÉ, Michel. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010 (2007). 253 p. Tradução de Marcos Marcionilo.

GADET, Françoise *et al.* Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada aos estudos dos textos na França, em 1969. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 (1990). 5ª ed. 320 p. Tradução de Bethania S. Mariani *et al.*

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013 (1962). 12ª ed. 323 p. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Campinas: Pontes, 2019 (1969). Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi e Greciely Costa.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 (1990). 5ª ed. 320 p. Tradução de Bethania S. Mariani *et al.*

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 1975 (1916), 279 p. 7ª ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.

SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004 (2002). Organização de Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco.



### **3 DESSUPERFICIALIZAÇÃO LINGUÍSTICA NO SUS 30 ANOS: BUSCA POR OBJETOS DISCURSIVOS DO SUJEITO ENFERMEIRO**

#### **3.1 Tensionando o efeito de transparência da linguagem na saúde**

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, saúde passa a ser reconhecida como “direito de todos e dever do Estado” (BRASIL, 1988, Art. 196), algo inerente à própria condição do cidadão. Como política de Estado regulamentada pela Lei nº 8080/90, o Sistema Único de Saúde (SUS) é materialmente constituído pelo conjunto de “ações e serviços de saúde, prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, da Administração direta e indireta” (BRASIL, 1990, Art. 4). Esse conjunto abrange prestação de serviços de saúde, execução da vigilância sanitária, saúde do trabalhador, assistência farmacêutica, controle de substâncias de interesse, inspeção de alimentos, orientação alimentar e até desenvolvimento tecnológico e científico na saúde. Sua execução é organizada com base nas diretrizes: “descentralização, integralidade e participação da comunidade” (BRASIL, 1988, Art. 198).

Desde a promulgação da Constituição Cidadã, a oferta de empregos ligados diretamente à saúde mais que dobrou, principalmente devido à municipalização dos vínculos e à ambulatorização do cuidado, sendo os profissionais de enfermagem a maior categoria assistencial atuante (MACHADO; OLIVEIRA; MOYSES, 2011, p. 107-109). Em junho de 2021, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) contabilizou 2.521.155 inscrições profissionais ativas, dentre assistentes, técnicos, obstetras e enfermeiros (COFEN, 2021). Em conjunto com a evidência apresentada por Gomes, Oliveira e Sa (2007, p. 110-111) de que as equipes de enfermagem são consideradas aquelas historicamente mais próximas aos usuários, ressalta-se a profunda relação de interdependência deles com o modelo de atenção à saúde brasileiro.

Mesmo com o efeito de transparência na letra fria da lei, a tentativa de normatização imposta pela Constituição Federal não é capaz de suprimir a arena de conflito e disputa que é o campo da saúde brasileira. Ao contrário, evidenciamos essa arena ao inseri-la em sua relação constituinte com a submissão ao equívoco da língua e materialização ideológica no discurso. Os processos semânticos na saúde, bem como seus conhecimentos e práticas, estão em disputa tanto na produção quanto no silenciamento dos enunciados. Essa conformação do panorama das condições de

produção é caracterizada pela desestabilização de sentido causada pela ampliação da dimensão e abrangência da saúde. Neste campo de disputa que é o Sistema Único de Saúde, as diversas posições-sujeito envolvidas exercem força para concretizar a sua dominação e impor os seus sentidos.

Tais tensionamentos são explorados extensivamente por Althusser (2010) no bojo do debate sobre a estrutura das formações sociais, pois como requisito para sua existência, é preciso que nelas se respeitem as condições capazes de (re)produzir as suas próprias condições de (re)produção. É desdobramento necessário desse requisito a reprodução tanto das forças produtivas quanto das relações de produção existentes. Para tratar dessas condições, foi necessária uma fundamentação epistemológica capaz de proporcionar a análise de seu funcionamento interno. Para tal, ele propõe uma teoria geral das ideologias, pautada em uma leitura singular de noções marxistas de organização social, como a Infraestrutura e a Superestrutura, o Estado e o Aparelho de Estado. Com esse movimento, proporciona-se a descrição do funcionamento pelo qual as ideologias efetivamente operam interpelando os indivíduos em sujeitos.

Toda sociedade é constituída por instâncias articuladas: a infraestrutura (base econômica) e a superestrutura, subdividida nos níveis jurídico-político (o direito e o Estado) e o ideológico, de forma que a eficácia da infraestrutura é parâmetro determinante da eficácia geral da superestrutura (ALTHUSSER, 2010, p. 109-110). A reprodução das forças produtivas “ocorre através do sistema educacional capitalista”, que necessita, para ser efetiva, “não apenas uma reprodução de sua [mão de obra] qualificação, mas também, ao mesmo tempo, uma reprodução de sua submissão às regras da ordem estabelecida” (ALTHUSSER, 2010, p. 108), pois enquanto aprendiz, o sujeito em formação é levado à submissão. Como o “Estado é uma máquina de repressão que permite às classes dominantes [...] assegurarem sua dominação” (ALTHUSSER, 2010, p. 111), necessariamente a oposição entre exploradores e dominados, a luta de classes, se eleva a condição chave para a reprodução das relações de produção, pois ela:

Realiza-se através de uma luta de classes que opõe a classe dominante à classe explorada. [...] Pois, numa sociedade de classes, as relações de produção são relações de exploração e, por conseguinte, relações entre classes antagônicas. [...] A reprodução das relações de produção, portanto, só pode ser um empreendimento de classe. [...] Adotar o ponto de vista da

reprodução, portanto, equivale em última instância, a adotar o ponto de vista da luta de classes. (ALTHUSSER, 2010, p. 139)

Torna-se explícita a relação entre o componente ideológico preconizado e o modo como a classe dominante concretiza o empreendimento da exploração, pois “a reprodução das relações de produção [...] é assegurada pelo exercício do poder estatal nos Aparelhos de Estado – de um lado, o Aparelho (Repressivo) de Estado, e do outro, os Aparelhos Ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 2010, p. 117). É por intermédio da ideologia que ocorre o assujeitamento dos indivíduos em sujeitos, e é por meio das relações de submissão e insurgência que a luta de classes se concretiza materialmente.

Para delinear essa estrutura na saúde pública na temporalidade dos 30 anos do Sistema Único de Saúde, realiza-se uma leitura opacizante, que questiona o sempre já-evidente e não subjetivo da materialidade apresentada. Nós nos filiamos à Análise de Discurso Materialista, panorama epistemológico feito por Michel Pêcheux, constituído pelo deslocamento às práxis da Linguística Estruturalista, do Marxismo segundo Althusser e da Psicanálise Lacaniana. Por ser uma disciplina centrada na crítica e reflexão sobre linguagem, sujeito, história e ideologia, a análise empreendida não se reduz a buscar os sentidos evocados, num estudo apenas linguístico, mas se utiliza disso como etapa para compreender os efeitos de sentido e suas articulações.

Não cabe debater sobre enviesamento, pois é próprio da prática do exercício discursivo o assujeitamento do indivíduo, transparente a ele próprio e necessário para se traçar relações de identificação e reconhecimento. Já que, “como se sabe, a acusação de estar na ideologia só se aplica aos outros, nunca ao próprio sujeito” (ALTHUSSER, 2010, p.134). Encaminhando-nos para as necessidades analíticas em si, é inócuo buscar um significado ao dito, a importância está em compreender o funcionamento dos processos discursivos na relação entre as posições-sujeito, já que:

O ponto essencial aqui é que não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também e sobretudo das construções nas quais essas palavras se combinam, na medida em que essas construções determinam a significação que as palavras terão. Conforme indicamos acima, as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (PÊCHEUX, 2019b, p. 73)

Chega-se naturalmente também na expectativa de recepção que o emissor tem em relação ao seu interlocutor e seu meio, expectativa esta que constitui

necessariamente as condições de produção dos discursos. Por conseguinte, pode-se evocar um conceito basilar da estruturação da Análise de Discurso pré-1975, as formações imaginárias, conforme Quadro 1. Entende-se que:

O que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 2019a, p. 39)

Expressão que designa as formações imaginárias		Significação da expressão	Questão implícita cuja "resposta" subentende a formação imaginária correspondente
A	$I_A(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	"Quem sou eu para lhe falar assim?"
	$I_A(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	"Quem é ele para que eu lhe fale assim?"
B	$I_B(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	"Quem sou eu para que ele me fale assim?"
	$I_B(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	"Quem é ele para que me fale assim?"

Quadro 1 – Representação esquematizada das formações imaginárias  
 Fonte: PÊCHEUX, 2019a, p. 40

Cabe ressaltarmos algumas ponderações sobre os recortes teóricos, bem como os nossos limites nesse exercício inicial. No IX Seminário de Estudos em Análise do Discurso, SEAD 2019, foi lançada uma nova edição do *Análise Automática do Discurso*, trabalho seminal de Pêcheux no desenvolvimento da teoria do discurso. Esse lançamento reacendeu o interesse da comunidade acadêmica nessa época da Análise de Discurso, a dita *AD-1* ou *maquinaria discursivo-estrutural* do período até 1975, resultando em tentativas de recontextualização de conceitos e abordagens até então desatentados.

Neste artigo, inserido no seio epistemológico da Análise de Discurso pré-1975, analisamos o documentário SUS 30 anos. Procuramos evidenciar, pelo procedimento de dessuperficialização linguística dos enunciados, demarcações dessas arenas de embate nas quais os sujeitos enfermeiros travam a luta de classes no seu fazer cotidiano na assistência à saúde. Desse processo sobre a base linguística, vêm à tona objetos discursivos, que são o “resultado da transformação da superfície linguística de um discurso concreto, em um objeto teórico, [...]

linguisticamente dessuperficializado” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 181), pelos quais o funcionamento dos processos discursivos ali presentes podem ser escrutinizados. Esse movimento foi executado com o intuito de encontrar esses pontos de tensão constitutiva das relações de resistência e identificação dessa classe profissional no âmbito do setor saúde brasileiro. Abordamos o funcionamento das formações imaginárias nos meandros do fazer da enfermagem, bem como traçamos a relação material estabelecida entre a língua e os efeitos da luta de classes na saúde pública brasileira.

A materialidade foi produzida pelo COFEN no ano de 2018 em comemoração aos 30 anos do “a saúde é um direito de todos e dever do Estado” (Brasil, 1988, Art. 196). Nela se faz uma exposição concatenada de entrevistas e declarações de profissionais da enfermagem sobre as suas percepções perante o SUS, abordando várias facetas da relação forjada durante esses 30 anos. Como abordagem inicial, as possibilidades deste trabalho consistem, mas não se limitam, a ser a pedra fundamental de uma investigação discursiva em andamento mais robusta, servindo de subsídio material inicial para desdobrar novas investigações.

### **3.2 O descentramento do indivíduo como premissa**

O foco do artigo não está no indivíduo, tão pouco na tentativa de descobrir o verdadeiro sentido nas palavras. O indivíduo não é objeto da Análise de Discurso, pois ele não é fonte racional e consciente de seu dizer; aquele que enuncia, enuncia à revelia de sua vontade. Trabalhamos no descentramento do indivíduo, entidade biopsicofisiológica, pois os processos discursivos são decorrência da dupla interpelação em sujeito pela ideologia e pelo inconsciente. Assim, torna-se imprescindível destacar pressupostos epistemológicos irremediáveis da constituição desse sujeito e o descentramento do *eu*. Apoiamo-nos na série de importantes contribuições de Authier-Revuz (1990) na elaboração das análises, quando considera que o *eu* é tão somente um efeito de unidade entre o inconsciente e a sua exterioridade heterogênea. Tem-se como foco a forma histórica do falante, posição situada, materialmente discernível, um *eu* que se submete, resiste e luta numa posição discursiva ocupada em dado momento. Sendo o *eu* tão somente esse efeito de unidade, esse *eu* se torna apto a cumprir sua função e transitar entre as posições-

sujeito ao se esquecer do não antropocentrismo: do cosmos, da estruturação social e de seu próprio fazer.

Outra dimensão do descentramento do indivíduo é a sua interpelação em sujeito construída por Althusser na sua teoria geral das ideologias. Como a “ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, dotada de “estrutura e funcionamento [...] imutáveis [...] em sua forma em toda a extensão da história”, sendo assim “uma realidade oni-histórica”, presente em “tudo o que chamamos [...] a história das sociedades de classes” (ALTHUSSER, 2010, p. 125-126). Como sua existência independe de uma condição concreta e delimitável específica, ela não é uma transliteração direta do real. O “que é representado na ideologia, portanto, não é o sistema das relações reais que regem a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais em que vivem” (ALTHUSSER, 2010, p. 128). Não se questiona em Althusser as relações de produção propriamente ditas, mas os mecanismos pelos quais os indivíduos operam sua relação com as relações de produção, pois:

Como sujeito provido de uma consciência que contém as ideias de sua crença [...], o indivíduo em questão porta-se de tal ou tal maneira, adota tais e tais comportamentos práticos e, mais importante, participa de algumas práticas submetidas a regras. (ALTHUSSER, 2010, p. 129)

A ideologia, dessa forma, funciona justamente sendo para o indivíduo a área tracejada que delimita cada forma do possível e do permitido a ele para a concretização do seu relacionamento com as relações no mundo, tornando-se assim sujeito pela submissão a esse esquema de coisas. Na máxima, “você e eu somos sempre já sujeitos, e que, como tais, praticamos constantemente os rituais de reconhecimento ideológico, o qual nos garante que somos de fato sujeitos concretos, individuais e (naturalmente) insubstituíveis” (ALTHUSSER, 2010, p. 133), há explicitamente sintetizada tanto a forma da interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos quanto o mecanismo de reconhecimento e identificação. Como “uma ideologia existe sempre num aparelho e em sua prática ou práticas” e “não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela” (ALTHUSSER, 2010, p. 129 e 131), é imperativo retomar os Aparelhos de Estado para delinear onde e como os rituais se concretizam:

Enquanto há um Aparelho (Repressivo) de Estado, há uma pluralidade de Aparelhos Ideológicos de Estado. A unidade que constitui essa pluralidade de AIEs como um corpo – mesmo supondo que ela exista – não é imediatamente visível. [...] Podemos constatar que enquanto o Aparelho (Repressivo) – unificado – de Estado pertence inteiramente ao domínio público, a grande maioria dos Aparelhos Ideológicos de Estado (em sua aparente dispersão) pertence, ao contrário, ao domínio privado. Igrejas, partidos, sindicatos, famílias, algumas escolas, a maioria dos jornais os, empreendimentos culturais etc são particulares. [...] Vamos ao essencial. O que distingue os AIEs do Aparelho (Repressivo) de Estado é a seguinte diferença fundamental: o Aparelho Repressivo de Estado funciona “pela violência”, ao passo que os Aparelhos Ideológicos de Estado *funcionam* “pela ideologia”. (ALTHUSSER, 2010, p. 115)

Os Aparelhos de Estado são o todo do Aparelho (Repressivo) de Estado – máquina *una* e multifacetada, pertencente ao Estado, que opera majoritariamente pela violência – e dos Aparelhos Ideológicos de Estado – aparato difuso e fragmentado, de controle privado, que opera fundamentalmente pela ideologia. Cada um com seu funcionamento e estruturação próprios, porém interdependentes. É no íterim dessa relação, presente no bojo de todas as formações sociais, que o campo de batalha da luta de classes ganha vida e as materialidades discursivas se fazem presentes representando cada uma sua inscrição ideológica singular.

### **3.3 Caracterizando o processo de dessuperficialização linguística**

Como necessidade prática para a efetivação da análise e considerados os requisitos da *AD-1*, cremos ser essencial seguir Pêcheux e Fuchs (2014) em uma incursão à Teoria da Enunciação nos seus pontos de convergência com a Análise de Discurso. Podemos considerar que:

Os processos de enunciação consistem em uma série de determinações sucessivas pelas quais o enunciado se constitui pouco a pouco e que tem por característica colocar o ‘dito’ e em consequência rejeitar o ‘não dito’. A enunciação equivale pois a colocar fronteiras entre o que é “selecionado” e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui o “universo do discurso”) e o que é rejeitado. Desse modo se acha, pois, desenhado no espaço vazio o campo de ‘tudo o que seria teria sido possível ao sujeito dizer (mas não disse)’ ou o campo de ‘tudo que se opõe ao que o sujeito disse’. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 175)

No instante em que os sujeitos efetivam a sua apropriação da língua e do contexto proximal, materializando os delineamentos mentais que moldaram a estrutura dos procedimentos (aparentemente) conscientes empregados para a

interação, em outras palavras, concretizam seus enunciados, é instaurada uma cena enunciativa. Nela “aquele que fala’ ou ‘aquele para quem se fala’ não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. São lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer” (GUIMARÃES, 2002, p. 23). Isso tem conexão direta com um dos pilares de nossa investigação, compreender os “efeitos de sentidos’ entre os pontos A e B”, sendo eles “lugares determinados na estrutura de uma formação social [...] dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos” (PÊCHEUX, 2019a, p.39). Esses traços são aqueles possíveis de se definir de forma ampla, conjuntos mais ou menos genéricos “representados nos processos discursivos”, sendo então “algo diferente da presença de organismos humanos individuais” (PÊCHEUX, 2019a, p.39).

O somatório de heterogêneas conformações desses agenciamentos enunciativos sucessivamente concatenados precisa ser arranjado pelo analista na montagem de seu *corpus*. Dessa forma, torna-se seja possível construir uma rede de significantes situada numa temporalidade específica, da qual se consiga extrair os processos discursivos presentes. Nesse contexto, as cenas enunciativas são úteis como ferramental operacional por oferecerem uma delimitação material pela qual disparamos nosso processo de análise.

No entanto, seria um erro assumir que essa rede aparentemente monolítica, aqui neste trabalho, o fruto do documentário como produto homogeneizado, estruturado, editado e limpo, é dotada de uma evidência transparente dos sentidos possíveis. Assim, ao mesmo tempo que é necessário montarmos o efeito de unidade, já que é por nele que há a resignificação das relações de coesão referencial e sequencial entre os enunciados. É preciso também que o analista logo em seguida destrua, esmigalhe esse efeito de unidade, para então nesses farelos possamos procurar os traços dos processos discursivos. Assim, o critério de recorte das sequências discursivas não pode ser restrito a uma fala específica, tão pouco ao texto nesse efeito, mas sim a cada nova superfície linguística produzida, sendo esta:

Entendida no sentido de sequência oral ou escrita de dimensão variável, em geral superior à frase. Trata-se aí de um “discurso” concreto, isto é, do objeto empírico afetado pelos esquecimentos 1 e 2, na medida mesmo em que é o lugar de sua realização, sob a forma, coerente e subjetivamente vivida como necessária, de uma dupla ilusão. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 180-181)



Os funcionamentos enunciativos evidenciados no trabalho de interpretação e remontagem das cenas enunciativas, bem como a textualização dos diversos elementos concorrentes nesse dinâmico efeito monolítico permitiram que os processos discursivos pudessem ser delineados na realização deste trabalho. Em suma, a conjunção das manifestações linguísticas com os feixes de traços determinantes do assujeitamento ideológico dos indivíduos, o *eu* heterogêneo, formam materialidade suficiente para análise, pois como Pêcheux admite:

Convém, antes, conceber a língua (objeto da linguística) como a base em relação à qual se constroem os processos; [...] e é preciso, desde então, reservar o termo de processo discursivo (processo de produção do discurso) para se referir ao funcionamento da base linguística em relação às representações (cf. acima) colocadas em jogo nas relações sociais. (PÊCHEUX, 2019a, p. 74)

Sendo a língua a base material pela qual os processos discursivos ocorrem, é necessário recorrer a uma instância de análise linguística que possibilite a extração dos objetos discursivos das manifestações escritas e faladas, sendo então a incursão à enunciação a primeira instância desse processo. É requisito inicial em uma fundamentação pré-1975, que seja feita a “análise dos mecanismos sintáticos e dos funcionamentos enunciativos”, para que seja possível proceder com a “dessuperficialização linguística” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 182) e assim se chegar aos objetos discursivos.

Tomamos uma posição e escolhemos trabalhar de forma íntima com a enunciação, empregando um recorte epistemológico menos usual nos trabalhos atuais em Análise de Discurso, com maior ênfase no processo de dessuperficialização. Acreditamos que a organização da tessitura social e os deslizamentos ao redor da saúde pública são de uma magnitude única na temporalidade dos 30 anos do SUS, pois o período sombrio no qual vivemos hoje está a nos impor suas interferências caóticas nas redes de sentidos. Dessa forma, para não incorrerem no que julgamos ser um estelionato intelectual, é necessidade irrenunciável ao conjugarmos todas essas restrições, dessuperficializarmos cuidadosamente as superfícies linguísticas em objetos discursivos, para que assim possamos dispor desse objeto teórico, ponto de partida para outras reflexões, análises e questionamentos.

### 3.4 Esboçando relações de assujeitamento e resistência

Como etapas para a análise da materialidade, iniciamos com uma transcrição livre dos enunciados do documentário *SUS 30 anos*, tal qual sua articulação com o conteúdo aparente das outras fontes ali presentes, como os materiais escritos e o sequenciamento das imagens e tomadas. Este vídeo está disponibilizado na plataforma online *YouTube* através da conta oficial do COFEN, com duração de 20 minutos. Em pedido de informação realizado junto à ouvidoria do COFEN em setembro de 2019, fomos informados que não existe roteiro, *script* ou legenda oficial do material, de forma que foi necessária a elaboração de transcrição para ter, em suporte textual, o que foi dito no documentário.

A cena enunciativa da SD<sub>1</sub> tem início em 6 min 30 s e dura 38 s. Neste período, há em tela a passagem de uma sequência de quadros fixados na parede, que fazem alusão a pacientes tratados naquele setor, com os dizeres “trabalhamos para você” em foco. Logo em seguida, vemos a enfermeira Núbia, membra da equipe de fibrose cística e asma, parada de pé falando no corredor do hospital para a câmera. Não há interlocutor fisicamente presente na cena, assim como também não há movimentação visível de pessoas, porém se escuta ruído de conversas indistintas. Ao chegar no “a gente precisa” a câmera corta a imagem e então mostra a enfermeira recebendo um paciente e sua mãe. Segue transcrição no Quadro 2:

**SD1:** A, acima de tudo, eu trabalho muito com a adesão ao medicamento. Mas você não consegue uma adesão ao medicamento se você não tiver outros fatores relacionados, né? Eu não posso chegar simplesmente pro paciente "olha, você tem que tomar isso, isso e isso". Você tem que entrar um pouco na vida e no, e naquele dia a dia da pessoa, pra gente ver o que, até onde a gente consegue fazer com que melhore a adesão. Isso tando inserido no, no dia a dia dele. Então, eu me vejo como um elo de ligação entre o usuário e, e a própria, e o próprio sistema e a própria equipe de fibrose.

Quadro 1 – Transcrição da SD1

Fonte: SUS..., 2018. Transcrito pelos autores

A primeira oração da SD1 carrega em si a tentativa de plena identificação do sujeito com o conjunto de rituais simbólicos da prestação do cuidado. Esse eu reforça com um encadeamento sintático direto e sem oposições a imagem que tem de si

mesmo nesse lugar: trabalhador da saúde. O uso do acima de tudo e do muito são uma primeira pista da busca desse sujeito pelo reforço de sua relação de reconhecimento e identificação com esse feixe de traços constituintes da posição de enfermeiro. Essa será uma constante, porém heterogênea, conflituosa, em toda SD1. Os dois empregos de você logo na sequência nos levaram a buscar reestabelecer o laço referencial dos usos dos pronomes: afinal qual você este sujeito – que enuncia só na cena – busca reiteradas vezes com o uso desse vocativo? Aproveitando-nos das possibilidades das relações sintagmáticas entre os signos ali presentes, propomos uma elipse nessas posições, você [enfermeiro], revelando um novo referente. Avançando até o né?, temos novos subsídios materiais e nossa pergunta evolui, não mais endereçada a quem o sujeito se dirige, mas a: o que poderia estar evocando o enfermeiro por intermédio do sujeito?

O interdiscurso e o inconsciente. Assim como as instâncias da ideologia, eles atravessam singularmente cada sujeito a qual o eu é levado a ocupar, clivando-o sempre de maneira única a cada vez que esse exercício de assujeitamento se estabelece. Sendo as posições esse feixe de traços objetivos, o eu é então a instância necessária para situá-las historicamente, é na presença dele naquela posição que as palavras dos outros, o já-dito, o interdiscurso, podem ser devidamente materializados nas coerções da língua. (AUTHIER-REVUZ, 1990) O preenchimento com [enfermeiro] marca a conformação da clivagem ideológica naquele sujeito, que é levado pelo esquecimento nº1 a se encher nessa exterioridade diretamente ligada ao interdiscurso, emergindo dali fragmentos do já-dito da enfermagem, campo de práticas e conhecimento. Esse sujeito afetado, pelo qual agora transborda vigorosamente já-ditos, passa a ressignificar as coerções para a efetivação das relações de reconhecimento impostas por essa fração do interdiscurso, de forma que só é permitido ser sujeito enfermeiro aquele indivíduo submisso a elas. Estas coerções tomam forma material na ocorrência da dupla-negação não...não embricada com o condicional se nessa sequência.

Se no início houve a afirmação da natureza da identificação desse sujeito com os rituais simbólicos da enfermagem por intermédio do trabalho com adesão ao medicamento, vemos a estruturação no segundo período como restrição imposta pela relação sintagmática para manter a cadeia referencial. O sujeito ali, em sua relação imaginária com o feixe de traços, tenta conscientemente reinterpretar o conjunto de coerções necessárias por meio da repetição adesão ao medicamento, que funciona

como catalizador. A hesitação final com o né? é o traço enunciativo desse funcionamento, a tentativa consciente, mas contingente, de controle frente a essa fração do interdiscurso. O funcionamento dos esquecimentos nº 1 e 2 são deduzidos:

Na medida em que o sujeito se corrige para explicitar a si próprio o que disse, para aprofundar 'o que pensa' e formulá-lo mais adequadamente, pode-se dizer que está zona nº 2, que é a dos *processos de enunciação*, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/consciente. Por oposição, o esquecimento nº 1, cuja zona é inacessível ao sujeito, precisamente por essa razão, aparece como constitutivo da subjetividade na língua. Desta maneira, pode-se adiantar que este recalque (tendo ao mesmo tempo como objeto o próprio processo discursivo e o interdiscurso, ao qual ele se articula com ações de contradição de submissão ou de usurpação) é de natureza inconsciente, no sentido em que a ideologia é constitutivamente *inconsciente* dela mesma. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 176-177)

Na oração seguinte, iniciada em “eu não posso chegar”, identificar a cadeia impositiva construída até então no fio do intradiscurso é decisivo para o desenrolar desta, que por paralelismo, também permite a proposição de elipses ligadas ao eu, e ao você dentro da locução. Trabalhemos esse trecho pautados numa leitura sucinta, já aplicada, das equações de antecipação das representações, conforme preconizadas por Pêcheux (2019a, p. 41).

Após a ação intensa dessa exterioridade constituinte que é o interdiscurso sobre o sujeito, ele mesmo vai em busca de reafirmar sua identificação ao colocar – à sua maneira – sua prática em consonância com a estruturação dos rituais simbólicos requerida pelo todo da enfermagem. Ele faz isso ao impor a si – e conseqüentemente a todos os outros que buscarem reconhecimento – a coerção eu [enfermeiro] não posso. A coerção positiva tem que vem na sequência, quando em parte do período surge um locutor, sujeito enfermeiro, que se dirige a um alocutário você, formação imaginária do paciente naturalmente resistente à adesão. Como só é permitido ao sujeito enfermeiro, assujeitado ao já-dito da enfermagem, supor uma locução dentre aquelas possíveis no rol da imagem feita da posição que ocupa, ao ser ele mesmo locutor, escapa a naturalidade pela qual não só é possível impor restrições a um terceiro, o você [paciente], mas é esperado que o seja feito. Esse funcionamento do sujeito como máquina de sujeição se depreende, pois:

O indivíduo é *interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente aos mandamentos do Sujeito, isto é, para que aceite (livremente) sua sujeição*, ou seja, para que “execute sozinho” os gestos e os atos de sua

sujeição. *Não há sujeitos senão por e para a sua sujeição.* (ALTHUSSER, 2010, p. 138)

Sendo o Sujeito o próprio interdiscurso, na materialidade em questão a fração onde se acha o já-dito da enfermagem, o indivíduo interpelado vai, enquanto sujeito, se autoassujeitar e simultaneamente ser uma máquina de sujeição, sendo então capaz de concretizar relações de identificação e reconhecimento. Dessa forma, é dever do sujeito, identificado com o feixe característico do enfermeiro, ao continuamente se assujeitar, também o fazer naqueles que são seus pares, bem como naqueles com os quais ele mantém relações externas, aqui destacado o você [paciente]. Cada um dentro de seus feixes outros de traços distintivos, conforme o preconizado pela posição enfermeiro. Na fluidez do discurso, voltamos para a negação da possibilidade colocada no não posso e propomos um enunciado dividido no posso. Vislumbramos que o sujeito verdadeiramente assujeitado não [deve, mesmo que possa], assim a estratégia de assujeitamento de um você [paciente] não deve ser executada por meio da imposição de restrições, mesmo que essa prática seja um ritual identificável nessa fração do interdiscurso.

Terminada a locução, a imposição de coerções da máquina assujeitadora prossegue na próxima frase, iniciada em “você tem que entrar”. Novamente, a elipse você [enfermeiro] dá traços da modulação do interdiscurso no processo de identificação do outro. O sujeito nesse instante, ao ter enunciado como não fazer algo, é coagido por si mesmo a consertar a estratégia de assujeitamento do paciente, pois do contrário ou não [deve, mesmo que possa] seria inválido ou estaria ele admitindo a impossibilidade do enfermeiro em sujeitar o paciente. O impasse que apresentamos se justifica ao admitirmos que o “discurso que A dirige a B modifica o estado de B” (PÊCHEUX, 2019a, p. 46) e então constatarmos “que a cada ‘passo’, o discurso de um dos protagonistas é modificado pelo outro” (PÊCHEUX, 2019a, p. 48). Sendo dessa forma, cogitamos que no monólogo da SD1 o sujeito está sempre sendo modificado e afetado pela materialização de seu próprio discurso.

Após a quebra provocada, torna-se necessário o devido reparo para que condescendentemente ele permaneça na relação de identificação plena com a fração do interdiscurso e se valide novamente como máquina de sujeição. Essa correção ocorre na sequência, quando novamente recorrendo ao você [enfermeiro], uma nova coerção é colocada e reestrutura a estratégia de assujeitamento da pessoa [paciente] positiva. O emprego do pra preposicional com um então adverbial elipsado, pra

[então], é a demonstração fidedigna de que o segundo a gente – esse eu+tu pessoas da enunciação – deve aceitar a coação colocada e usar a nova conformação da estratégia para poder ser um sujeito enfermeiro capaz de executar o assujeitamento do indivíduo/objeto, a pessoa [paciente]. Somente assim, com o ciclo de identificação e reconhecimento concretizado, torna-se possível ao enfermeiro tentar que melhore a adesão.

Na última frase da SD1, iniciada em “então, eu me vejo”, o processo de reforço da relação de identificação chega ao seu final. O sujeito provou ser competente na sua relação com os já-ditos da enfermagem, bem como em reconhecer os outros indivíduos e realizar o assujeitamento por meio de seus atos simbólicos. Dessa forma, o sujeito autoconstruiu uma cadeia de legitimação do seu assujeitamento ideológico. Nela esse eu [enfermeiro] dispõe de prerrogativa plena para validar sua atuação como determinante – em algum nível – das relações da tessitura social ao se permitir enunciar [sou] elo de ligação. O esforço de 38 segundos da SD1 instaura uma complicada rede de relações de referência e identificação no qual qualquer sujeito enfermeiro, submetido de boa vontade às restrições impostas pela cadeia de coerções, pode verdadeiramente [ser] elo de ligação. Graças à dessuperficialização dessas superfícies linguísticas em objetos discursivos, foram trazidas à tona cadeias complexas de tensionamentos na SD1. O sujeito identificado na posição de enfermeiro, nessa conformação das condições de produção, se assujeita de forma peculiar ao voluntariamente se abdicar em prol dos fazeres e atos simbólicos da enfermagem. Ao mesmo tempo, para reconhecer um outro como similar, ele exige e impõe a este outro a introjeção e concretização dessa abnegação.

Quais são as implicações nas redes de sentido do enfermeiro em trabalhar com adesão a um medicamento que foi prescrito por um médico, selecionado por um gestor hospitalar dentre um rol de medicações impostas pelo SUS e desenvolvido por uma indústria farmacêutica distante? Esse sujeito cumpre ordens, segue rotinas e obedece a esses sujeitos outros com quais objetivos? Isto tudo é uma busca desesperada por reafirmação e valorização de seus saberes e práticas frente ao sujeito paciente e sujeitos outros atuantes dentro da arena que é a prestação de serviços no setor saúde? Esses e questionamentos outros podem ser formulados nesse movimento de sucessivas análises do *corpus*, agora já dessuperficializado pronto para que depreendamos dele os processos discursivos.

A cena enunciativa da SD2 tem início aos 4 min 9 s e toma forma em 34 s. Em toda a sua extensão, somente o enfermeiro Francisco, professor da Universidade Estadual do Vale do Acaraú, fala. Inicialmente, ele está sentado de frente para uma câmera, estática, em um ambiente que remonta a uma biblioteca, com vários globos terrestres posicionados sobre móveis metálicos ao fundo. Não há outros sons ou interlocutores presentes na cena. No momento em que ele enuncia “também do aumento das” a imagem do vídeo muda para a fachada do Castelo da Fiocruz. Ainda com a voz de Francisco, a câmera mostra as costas de uma pesquisadora – que só será apresentada após os limites da SD2 – caminhando por um corredor. Na sequência, aparecem suas mãos manuseando o livro PERFIL DA ENFERMAGEM NO BRASIL com a capa focada em primeiro plano. A transcrição da SD2 segue no Quadro 3:

**SD2:** A história da enfermagem nos últimos 30 anos, ela se entrelaça com a do SUS. O SUS foi um desencadeador da municipalização de muitas ações e serviços e isso fez com que crescesse o emprego público. E esse emprego público, para a enfermagem, foi um alargamento profissional tanto de número de postos de trabalho, quanto também do aumento das práticas e saberes que a enfermagem, até então, vinha desenvolvendo.

Quadro 3 – Transcrição da SD2

Fonte: SUS..., 2018. Transcrito pelos autores

O sujeito inaugura a cena da SD2 propondo o reconhecimento de uma relação de interdependência direta entre a instituição SUS e a fração do interdiscurso na qual se encontram os já-ditos da enfermagem, durante um fragmento temporal que é os últimos 30 anos. Essa relação de proximidade é a responsável por criar o entremeio em permanente conflito que rege aos sujeitos identificados com a posição enfermeiro tanto o possível quanto o permitido de todos os seus rituais e práticas no setor saúde. A esse indivíduo, é imposto e permitido o que é possível ao se tornar sujeito em seu assujeitamento compulsório ao conflito ideológico constitutivo do próprio fazer na enfermagem. Sendo assim, “o indivíduo é sempre já sujeito” (ALTHUSSER, 2010, p.134), pois é requisito de sua manutenção na tessitura da formação social, a aceitação da imposição do possível – diferente em cada feixe de traços – ao ser reconhecido sujeito, que se move dinamicamente entre conjuntos de feixes para

materializar seu discurso. Pelo controle do Estado – no caso SUS e suas regulações – os anseios da classe dominante cerceiam, tolhem, o conjunto do permitido no setor saúde, com o propósito de assegurar em mais esse espaço as condições materiais de sua perpetuação. Nessa dimensão, o sujeito enfermeiro pode agir de acordo com o que lhe é permitido por essas classes dominantes, ser dócil e fugir do embate, ou então transgredir para o não-permitido, abraçando em seu âmago a luta de classes e concretizando seus rituais simbólicos e práticas em firme oposição.

A relação estabelecida no início da SD2 é evidência material tanto por seus reconhecimentos, quanto por suas omissões, tendo em vista que nos últimos 30 anos houve um alinhamento fino entre o permitido pelo SUS e o possível pelos já-ditos da enfermagem. Como essa temporalidade foi explicitamente demarcada pelo sujeito, questionamos uma omissão ali presente: como está conformada essa relação no período que é os *últimos 30 anos*? Não sem tensões. Há flagrante preocupação do sujeito em demarcar a existência da diferença entre a *história da enfermagem* e a *[história] do SUS*, ao enunciar que *nos últimos 30 anos, a história [d]ela[s] se entrelaçam*. Se a história do SUS e da enfermagem fossem iguais, essa sentença seria inenunciável ao locutor, porém algo no caráter dessa relação entre SUS e enfermagem o compele a reconhecer de antemão sua existência para só assim estar apto a continuar enunciando.

O segundo período nos dá pistas sobre a especificidade dessa relação, pois transcorre no seu início o momento em que se fornece visualmente mais informações sobre o sujeito em tela: enfermeiro Francisco, que também é professor universitário. Temos essa conformação da superfície linguística como uma manobra enunciativa inserida no documentário homogeneizado para ressaltar a legitimidade do locutor. Esse sujeito enfermeiro, agora devidamente legitimado como identificado em seu assujeitamento ideológico frente ao já-dito da enfermagem, é apto a trazer como *o SUS foi um desencadeador d[e] [X]*, ou seja, apontar como se estruturou a mudança material na relação da enfermagem com o permitido no fazer saúde. Ao atribuir ao SUS esse funcionamento, a Constituição Federal de 1988 e a Lei 8080/90 são parafrasticamente resgatáveis, pois ambos tem valor similar como desencadeadores de rupturas singulares para os profissionais de saúde no país. Sendo lavrado “saúde é direito de todos e dever do Estado” (BRASIL, 1988, Art. 196) e “saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício” (BRASIL, 1990, Art. 2º), reestrutura-se a conformação do setor



saúde dentro do Estado frente ao que se fazia até então. Esse [X] é rapidamente preenchido com o que vem enunciado em: [a] municipalização [do sistema de saúde] resultou no crescimento do emprego público [da enfermagem]. É singularmente potente esse sujeito, tão cuidadosamente construído até aqui, ressaltar justamente a mediação da relação entre o SUS e a classe enfermeira através do trabalho, labor. Dessa forma, surge na materialidade as relações de produção, o quinhão da resistência, da enfermagem na arena da luta de classes na saúde, tendo em vista que:

Numa sociedade de classes, as relações de produção são relações de exploração e, por conseguinte, relações entre classes antagônicas. [...] A reprodução das relações de produção, portanto, só pode ser um empreendimento de classe. Realiza-se através de uma luta de classes que opõe a classe dominante à classe explorada. (ALTHUSSER, 2010, p. 139)

Mediar a mudança material dessa relação com o labor é uma forma de admitir a centralidade desse aspecto para o sujeito enfermeiro e a sua sensibilidade em refletir a conformação das condições materiais, tanto pré quanto pós-SUS. Aqueles assujeitados pela enfermagem formam unidade de resistência como classe proletária às investidas do discurso da socialdemocracia e neoliberalismo nesse embate pela dominação da máquina estatal. O aumento da capilaridade da assistência à saúde no território nacional, aliado a enfermagem ser a maior classe profissional nesse sistema e aquela mais próxima dos cidadãos, concede permeabilidade necessária para mobilização tanto local, quanto em bloco contra a exploração das forças outras que coexistem no fazer saúde. É tanto por causa e por intermédio do SUS que a enfermagem dispõe das condições materiais para transgredir ao não-permitido e se rebelar contra a hegemonia (bio)médica no cuidado. Mediar as condições de exploração pelo labor é voltar às origens para poder criticar a estruturação da tessitura da formação social, ameaçar a estabilidade desses feixes de traços distintivos e tentar pela força inserir os seus próprios já-ditos nos deslizamentos de sentidos ao redor de saúde.

Ao final da SD2, o enunciado dividido colocado com o alargamento profissional é a evidência discernível de como a resistência da enfermagem frente à opressão da classe dominante – materialmente situada no SUS com esse emprego público – está ali organizada em contraste com a forma como já esteve. Com o crescimento no número de postos de trabalho foi possível então conquistar o aumento das práticas e saberes que a enfermagem desenvolve. Assim, a mudança material na relação entre os já-ditos da enfermagem e o SUS ocorre na ordem do fortalecimento

da classe enfermeira, que agora com o SUS pode melhor resistir na arena de luta do que antes dele. Como resultado do embate desse sujeito que resiste, suas práticas e saberes conclamam espaços nas redes de significação dentro da saúde ao pôr em xeque questões sensíveis nas relações de produção, como: são só os saberes e práticas médicas aquelas legítimas no setor saúde? Qual o lugar do enfermeiro frente a outros profissionais de saúde nas equipes multiprofissionais? E no SUS? E na iniciativa privada?

### **3.5 Amarrando um efeito de fechamento**

A Constituição Cidadã representa a ruptura com as antigas ideias e práticas do que era fazer saúde, prestar o cuidado. Nesta conjuntura, o Estado finalmente assume a posição de responsável pela efetivação plena do direito à saúde, reconhecendo-o como fundamental e necessário tanto para a proteção humana, quanto para o desenvolvimento da nação. Ao promulgar: “a saúde é um direito de todos e dever do Estado” (Brasil, 1988, Art. 196), o legislador impõe pelo discurso a força da instância jurídico-política da superestrutura, modificando a tessitura da formação social brasileira contemporânea. Demarcar claramente essa instância do Estado – o SUS – é um passo necessário para materializar a resistência dos campos jurídico e político, legitimados pela Assembleia Constituinte, questionando a hegemonia do campo (bio)médico sobre saúde. Com a mudança da própria estrutura do Estado, também ocorreu a remodelação dos arranjos na arena de disputas tanto do possível quanto do permitido de todos os rituais e práticas ali inseridos no entremeio entre o SUS e os diversos AIE conectados à saúde.

Na SD1, como sujeito identificado com determinado feixe de traços, historicamente situado e materialmente discernível, a enfermeira buscou legitimação em sua construção discursiva de forma a estar apta a delinear outras posições a partir da e em relação à posição que ela mesma ocupa. Então, enquanto identificada com o feixe de traços do enfermeiro, assujeitada nessa posição complacente com a rede de já-ditos da enfermagem, ela terá uma representação generalizável do paciente, outra de seus colegas enfermeiros, uma dos médicos, uma do próprio SUS e assim por diante. Cada uma dessas representações moldará a forma e o funcionamento das interações possíveis, sendo também âncoras balizadoras na construção da própria

posição ocupada, pois uma posição só existe no contraste com o que ela não é e só adquire valor nas diferenças entre ela e aquelas outras que a rodeiam.

Já na SD2, foi possível observar de forma mais clara o movimento de resistência e embate nas relações com os rituais do SUS. Decorre que a seção do interdiscurso correspondente à enfermagem e o AIE não identificado com o qual ela estava em conexão na materialidade da SD2 precisa do SUS como ponto de inflexão na luta por mais direitos e reconhecimento, enquanto classe trabalhadora. Enfermagem e SUS, mesmo que intimamente diferentes, estão inegavelmente conectados, resultado da reestruturação da arena de embates e do possível e do permitido aos profissionais, o que lhes foi muito proveitoso para seu fortalecimento enquanto classe proletária.

Ao propormos essa análise, balizada na interface do panorama epistemológico da Análise de Discurso pré-1975 com uma fração do campo da saúde, buscamos instigar reflexões sobre como esse olhar pode proporcionar contribuições singulares e significativas. A enfermagem, suas imbricadas cadeias de interrelações e exercícios de poder no campo da saúde, em especial, no que constitui o seu fazer, estão em ressignificação permanente nas diversas materialidades do panorama brasileiro. São deslizamentos de sentidos constantes sob a tessitura sócio-histórica, processos discursivos materializados em cada um de seus enunciados e mediados pelas imposições tanto da ideologia quanto da sintaxe. O sujeito resiste, sofre, luta ao mesmo tempo em que aceita ser sempre já-sujeito, assujeitado nessa relação constitutiva, heterogênea e eterna entre Ideologia-inconsciente. Trabalhar com foco na dessuperficialização linguística fez com que o escopo das análises fosse reduzido em comparação aos desenvolvimentos corriqueiros em discurso. Isso porém foi uma etapa irremediável para abordar uma temática tão conturbada, com redes de sentido e determinação complexas e oferecer subsídios para nossas investigações futuras.

Sendo pesquisadores, cientistas, neste momento sombrio no qual a política de manejo governamental, ineficiente, da pandemia de COVID-19 desola o país com mais de 500 mil mortes e as humanidades vêm sendo brutalmente desmoralizadas, acreditamos que é nosso dever resistirmos. É uma contribuição diminuta, mas nossa resistência se materializa quando reconhecemos, valorizamos e buscamos o fortalecimento da saúde pública e seus trabalhadores como somente nós podemos fazer, por meio da análise dos efeitos de sentido dos discursos e seus efeitos na tessitura social.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. In ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010 (1996). p. 105-142.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. In: Cadernos de estudos linguísticos, v. 19. Campinas: IEL, 1990.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. **Lei Orgânica da Saúde**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1990.

COFEN. **Enfermagem em números**. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>. Acesso em: 10 jul. 2021.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli; OLIVEIRA, Denize Cristina de; SA, Celso Pereira de. **A enfermagem no Sistema Único de Saúde (SUS): repensando os princípios e conceitos de sustentação da atenção à saúde no Brasil**. In: Psicologia: teoria e prática, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 109-125, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v9n2/v9n2a07.pdf>. Acesso em 10 de jul. 2020.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

MACHADO, Maria Helena; OLIVEIRA, Eliane dos Santos de; MOYSES, Neuza Maria Nogueira. Tendências do mercado de trabalho em saúde no Brasil. In: PIERANTONI, Celia Regina; DAL POZ, Mario Roberto; FRANÇA, Tania. **O trabalho em saúde: abordagens quantitativas e qualitativas**. Rio de Janeiro: CEPESC; 2011. p. 103-116.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Campinas: Pontes, 2019a (1969). Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi e Greciely Costa.

PÊCHEUX, Michel. **Língua, linguagens, discurso**. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2019b.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas**. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

**SUS 30 anos**. Direção de Henrique Siqueira. Produção de Sandra Bonates. Brasília: Brigadeiro Bentes Filmes, Me Gusta Filmes, 2018. 1 vídeo (20 min), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/3FfAcgT0oys>. Acesso em: 10 jul. 2021.

# CENSURADO

O fragmento de texto entre as páginas 53 e 71 está momentaneamente embargado devido às normas para publicação em periódico científico.

Em caso de dúvidas, críticas, considerações, sugestões, comentários, etc, favor encaminhar email ao autor no seguinte endereço:

[juliocesardrs@yahoo.com.br](mailto:juliocesardrs@yahoo.com.br)

## 5 OS FRUTOS DESSA CAMINHADA E UM APELO AOS ANALISTAS

Neste documento, trouxe à escrutínio os passos de minha trajetória formativa enquanto candidato a mestre em letras. Exponho assim minha busca por interlocuções que me permitissem estar firmemente situado na teoria do discurso, enquanto analista sem origem na letras. Com ênfase especial na produção pecheutiana pré-1975, foi com certo fascínio que me debrucei sobre a AAD-69 e explorei os abundantes tesouros que repousam em suas esquecidas linhas. Tenho a mais plena certeza de que analistas mais hábeis também serão sensibilizados a fazer este retorno e conseguirão se reapropriar de muitos outros conceitos e estruturas úteis ali presentes.

Ao propor uma leitura mediada entre Pêcheux e Saussure, busquei no que não está contido na teoria do discurso, a linguística, possibilidades e limitações oriundas dessa articulação. Dentre as noções mais preponderantes, valor, estado de língua, analogia, bem como relações sintagmáticas e associativas formam uma base tomada por Pêcheux como pressuposto para o funcionamento de sua teoria, em especial ao delinear o processo de produção dos discursos e o efeito metafórico.

Visitar em detalhes tanto o ELG quanto o CLG, me fez crer que a teoria saussuriana é tão bem amarrada e interdependente que cada fragmento isolado dela funciona como um fractal, do qual se deriva o todo e vice-versa. Assim, alguém como Pêcheux, que fez uma leitura rigorosa de Saussure, nunca tentou reduzir ou incorporar a linguística, mas a usava como pressuposto, desenvolvendo, nos espaços vazios e lacunas que não são seu objeto, a teoria do discurso.

Indo à diante, mobilizei esses conteúdos em uma análise que trabalhava os processos de textualização e articulação operantes nos enunciados do indivíduo afetado pelos já-lá da enfermagem. Como opera, enquanto assujeitador de si próprio e dos outros, replicador da ideologia, esse sujeito enfermeiro? Com a mudança no próprio aparelho de Estado no período da constituinte de 1988, a superestrutura, instância político-jurídica, reformula e instaura pelo intermédio da lei uma miríade de novos espaços de luta de classes.

A imposição do legislador leva os profissionais de saúde se deparam com um influxo de novos interessados no exercício de poder nesse campo, de forma que os discursos dos enfermeiros precisam manter o efeito de unidade e independência da enfermagem, ao mesmo tempo em que propõem um vínculo autoevidente com o SUS.

Privilegiando um olhar centrado no sujeito, essa análise opaciza um jogo dual no qual o esse sujeito sofre, luta e resiste, ao mesmo tempo em que se entrega à fração do interdiscurso própria da enfermagem e vira agente do assujeitamento, ressignificação e reivindicação de espaços nos diversos aparelhos e materialidades do panorama brasileiro.

No período entre 2020 e 2022, saúde adquiriu, em nível global, uma relevância vista poucas vezes anteriormente. Com o atravessamento dos acontecimentos pandêmicos, funcionamentos cada vez mais complexos e contraditórios se apresentavam na (re)construção dos sentidos em saúde. Em suma, um quantitativo expressivo de sujeitos (re)produziram algum discurso que articulasse saúde, criando um efeito de universalidade que me provocou a buscar no trio Estado, direito e saúde os mecanismos que permitiam a discursivização de saúde por qualquer brasileiro.

Foi necessário colocar saúde, e suas condições de produção nos anos 1980, em perspectiva com a teoria da história, no seio da luta de classes, para que pudesse se propor uma sistematização coesa a respeito desse efeito de universalidade. O capitalismo, enquanto modo de produção hegemônico, é altamente maleável em suas formas de organização para maximizar a espoliação da classe proletária e está em constante atualização. Escorado no humanismo, abraçando o neoliberalismo e por intermédio do direito, a burguesia constata a necessidade de reciclar o aparelho de Estado para garantir a continuidade da sua reprodução e de seu domínio do poder de Estado.

Se impõe ao direito a necessidade de manter seu efeito tautológico, de forma que para se construir essa nova iteração do Estado brasileiro, todos os elementos desse aparelho precisam estar circunscritos dentro dela. A saúde então é acoplada como componente desse corpo legal e lá opera. Com a análise dos diagramas não-lineares, a face dual do SUS, enquanto parte do A(R)E e um AIE toma forma. Assim, pode-se delinear o funcionamento errático e plural das instituições que compõem o SUS, enquanto ferramentas de sujeição, mas também espaços de insubordinação e resistência, conforme visto logo antes.

A saúde, enquanto campo, oferece um ambiente fértil para pesquisa em AD. Há uma infinidade de materialidades, temporalidades específicas, aparelhos, espaços de disputa e significação. Espero que, ao demonstrar minha inquietação e processo, outros apaixonados analistas aproveitem o presente que Pêcheux deixou e cada vez mais evidenciem a construção de sentidos em nossa saúde.